



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**LEOPOLDINA VEIGA GUIMARÃES FERREIRA**

**O ESPETÁCULO DO SIMULACRO NA CULTURA  
CONTEMPORÂNEA**

ARIQUEMES - RO  
2015

**Leopoldina Veiga Guimarães Ferreira**

**O ESPETÁCULO DO SIMULACRO NA CULTURA  
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura.

Prof<sup>ª</sup>. Orientadora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Ariquemes - RO

2015

**Leopoldina Veiga Guimarães Ferreira**

## **O ESPETÁCULO DO SIMULACRO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Orientadora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maila Beatriz Goellner  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 09 de novembro de 2015.

Dedico a Deus, meu guia e protetor em toda a minha existência; ao meu amado esposo Edgar; minhas preciosas filhas Amanda e Vitória; e minha amiga e irmã Eudália.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter segurado em minhas mãos e me concedido sabedoria no decorrer deste curso.

Agradeço ao meu esposo Edgar, companheiro em todos os momentos, meu amigo que sempre me apoiou para que eu chegasse até aqui.

As minhas filhas amadas Amanda e Vitória, pelo amor, compreensão e torcida constantes. Vocês são meu oxigênio!

Agradeço aos meus irmãos queridos: Alípio e Eudália, meus intercessores, companheiros e colaboradores durante minha caminhada acadêmica.

Ao meu cunhado e verdadeiro amigo Gilson por tudo o que Deus me proporcionou através da sua vida. Obrigada!

Agradeço a minha mãezinha Áuria (*in memoriam*) e meu pai Josué, bases da minha vida. Obrigada porque mesmo sem entender, vocês permitiram que eu prosseguisse.

Agradeço a Terceira Igreja Batista em Ariquemes pelo sustento fiel a família pastoral, o que permitiu o meu sustento no percurso da minha vida acadêmica.

Sou grata a todos os professores da FAEMA que estiveram comigo nesta etapa da minha vida: Roberson, Rosani, Rosieli, Edson, Dionatan, Leandro, Josineide, Josemara, Enadir, Catarina, Vera, Oliveira, Rosani, Sônia, Diego, Yuri, Flaviane, Cristina, Alessandro, Gilsinéia, Eliane, Viviane, Ana Cláudia, Carla, Maila e Eduardo. Como marcaram a minha vida. Obrigada!

Agradeço a Dr<sup>a</sup> Rosani pelo carinho e presteza em todos os momentos em que eu precisei. Minha sincera gratidão!

A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosieli um dos corações desta faculdade, pessoa admirável que sempre terá um lugar especial em minha vida. Obrigada!

Ao querido e inesquecível Prof<sup>o</sup>. Ms. Roberson Geovani Casarin, nosso parainfo, que acolheu não somente a mim, mas a toda nossa turma desde o início de nossa caminhada acadêmica. Obrigada!

A Prof<sup>a</sup>. Ms. Carla Rambo, minha coordenadora, quem admiro profundamente, como pessoa humanizada e que veio como presente de Deus para iluminar a minha vida. “Jamais esquecerei você!”

A examinadora de banca e professora de TCC II, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maila Beatriz tão admirável, companheira, ética, que chegou para nos enriquecer com sua sabedoria. Você é especial!

A examinadora de banca: Prof<sup>a</sup>. Ms. Eliane, exemplo de educadora para mim. Obrigada!

Ao Prof<sup>o</sup> Esp. Oliveira Lima de Melo que desde o princípio nos direcionou a ter um olhar crítico. Obrigada!

Agradeço em especial a minha orientadora Ana Claudia Yamashiro Arantes, uma educadora admirável que me contagiou com sua simplicidade, acolhimento, dedicação no que faz, e especialmente por acreditar no meu potencial. Você é simplesmente única. Amo você minha querida “Japa”. Obrigada!

Ao meu querido amigo Manoel Schiavi que com muita presteza traduziu os artigos em inglês utilizados nesta monografia, além de ser um motivador nato no processo de construção deste trabalho. Valeu!

Ao meu estimado amigo, o Psicólogo Weric Viola que muito contribuiu na compreensão dos conceitos psicanalíticos. Valeu por separar um pouco do seu tempo para me abençoar com o seu conhecimento. Obrigada!

Agradeço aos colegas de graduação pelos momentos que vivenciamos juntos, especialmente os conflituosos que nos ajudaram a crescer.

Agradeço às minhas amigas de graduação, Josefina e Letícia que de uma forma mais próxima me acompanharam nesta caminhada, e compartilharam tristezas e alegrias. Vocês me ensinaram tanto! Irei guardá-las eternamente em meu coração.

Por fim, sou agradecida a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui, que mesmo sem mencioná-los foram como uma peça única de um quebra cabeça, indispensável para que eu terminasse de montá-lo. A vocês meu sincero carinho e gratidão.

*“Estamos tão acostumados a nos disfarçar para os outros,  
que no fim acabamos nos disfarçando para nós mesmos”.*

*(François de La Rochefoucauld)*

## RESUMO

O presente estudo apresenta uma revisão bibliográfica consultada em artigos e livros que versavam sobre a temática, o que possibilitou que esta monografia ampliasse o entendimento sobre o espetáculo do simulacro evidenciado na atual conjuntura. De modo geral, teóricos de abordagem psicanalítica, filósofos e sociólogos da atualidade, defendem a importância da subjetividade e da preservação da identidade, uma vez que é através destes processos que o indivíduo evidencia a sua real personalidade. Entretanto, a cultura contemporânea tem instigado o simulacro - uma forma de falseamento das configurações subjetivas e identitárias. A sociedade contemporânea, ao vivenciar o espetáculo do simulacro, pode evidenciar novas formas de configurações psicopatológicas, como o narcisismo – a busca incessante pelo próprio endeusamento; a compulsividade pelo consumo – na qual se consome simplesmente para ser aprovado socialmente. Foram ainda ponderadas as formas de adoecimento apresentadas pela cultura ocidental brasileira mediada pelo Id - a ansiedade, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, e a Síndrome do Pensamento Acelerado - em contraposição à cultura oriental japonesa, intercedida pelo superego, que encontra na Síndrome do *Hikikomori* a forma psicopatológica de adoecimento vigente. Por fim, ponderou-se a relevância de reflexões acerca de como a psicologia pode contribuir no acolhimento destas novas demandas.

**Palavras-chave:** Espetáculo; simulacro; cultura; contemporaneidade.

## ABSTRACT

The present study is a literature review found in articles and books that turned on the subject, what enabled this monograph enlarged the understanding of the current situation on the spectacle of the simulacrum. In General, the psychoanalytic approach theorists, philosophers and sociologists today, advocate the importance of subjectivity and identity preservation, since it is through these that the individual reveals its real character. However, the contemporary culture has instigated the simulacrum - a form of distortion of subjective and identity settings. Experience the spectacle of simulacrum, the contemporary society can highlight new ways of psychopathology settings, such as narcissism – the relentless pursuit by the deification; the implicit compulsion for consumption – which consumes only to be socially approved. Were also considered ways of illness presented by the Brazilian Western culture mediated by Id - Anxiety, Attention Deficit Hyperactivity Disorder, and Accelerated Thinking Syndrome - as opposed to the Eastern culture, that is interceded by the superego, which presents the Hikikomori Syndrome as a form of psychopathology illness. Finally, it has appeared the relevance of reflections about how psychology can contribute in the reception of these new demands.

**Keywords:** Spectacle; simulacrum; culture; contemporaneity.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>11</b> |
| <b>2 OBJETIVOS</b> .....   | <b>13</b> |
| 2.1 OBJETIVO GERAL.....  | 13        |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....   | 13        |
| <b>3 METODOLOGIA</b> .....   | <b>14</b> |
| <b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....                                   | <b>15</b> |
| 4.1 A CULTURA CONTEMPORÂNEA E O ESPÍRITO DO TEMPO.....                 | 15        |
| 4.2 SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: EIS A QUESTÃO.....                    | 21        |
| 4.3 PROCESSO IDENTITÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE: SER OU NÃO<br>SER?..... | 29        |
| 4.4 A VIVÊNCIA EM SIMULACRO .....                                      | 36        |
| 4.4.1 ATORES NO CENÁRIO DO ESPETÁCULO .....                            | 39        |
| 4.4.2 REDES SOCIAIS DE INTERNET COMO CENÁRIO DO SIMULACRO.....         | 43        |
| 4.5 CULTURA DO ESPETÁCULO E O NARCISISMO .....                         | 52        |
| 4.6 CULTURA DO ESPETÁCULO E O CONSUMO COMPULSIVO .....                 | 58        |
| 4.7 FORMAS CULTURAIS DE ADOECIMENTO .....                              | 67        |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>79</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | <b>81</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....  | <b>88</b> |

## INTRODUÇÃO

A sociedade ao longo da sua história vem sendo construída e reconstruída pelo espírito do tempo que a acompanha. Quando se pensa na evolução cultural contemporânea, observa-se que com grande frequência o indivíduo corre desenfreadamente em busca de satisfações pessoais, muitas vezes inatingíveis e intoleráveis psiquicamente. Ele geralmente tece o seu destino em sociedade sem saber para onde vai e aonde quer parar. Sigmund Freud (1996b) preocupou-se em mencionar que, em determinada civilização, quando já se viveu um tempo significativo os ditames estabelecidos por ela e se tentou descobrir como ela se desenvolveu, investigando a raiz das suas origens, surge um olhar de preocupação com o que se pode esperar do futuro, temendo o que estas novas experiências sociais podem desencadear. Esta reflexão tão importante parte somente de uma minoria, pois a maioria da sociedade abstém-se de se dedicar a tais indagações, e é justamente a diminuição da reflexão sobre passado e presente que conduz o indivíduo a um futuro tendencioso ao incerto e inseguro.

Refletir sobre o espírito do tempo que atravessa gerações é necessário, pois ao se compreender as formas culturais de cada época, um olhar crítico passa a existir, sendo possível entender com maior propriedade de que maneira tais mudanças atingem épocas e formas culturais afins. No confronto com aquela época se delinea o funcionamento deste tempo; o cenário cultural mudou, as revoluções sexuais e políticas permitiram que a sociedade pudesse viver sob o princípio do prazer, buscando as mais variadas satisfações, mesmo que momentâneas, e frente à possibilidade de satisfação do desejo, a realidade passa a não ter a mesma força de tolhimento. Neste cenário se hipotetiza o surgimento de novas configurações patológicas, possivelmente motivadas pelo desenrolar do espírito do tempo.

O que mais se observa na contemporaneidade é que a subjetividade está sendo influenciada e de certa forma moldada aos padrões socioculturais, de maneira que compreender a subjetividade contemporânea e sua nova configuração, apesar de desafiador é essencial. Outro fator que merece ponderação é a identidade, pois ao ser confrontada pelas imposições da indústria cultural, da mídia e consumo, admite tais imposições, permitindo uma crise identitária.

O indivíduo, ao supervalorizar os padrões socioculturais, abdica da sua subjetividade e identidade, passando a representar uma personalidade imprópria<sup>1</sup>, o simulacro, deixando de evidenciar sua unicidade e sua capacidade de ser quem de fato é. Em meio a este cenário dramático, surgem atores que interpretam papéis estritos em uma configuração dialética, deixando de lado a sua autenticidade, especialmente nos ambientes virtualizados das Redes Sociais de *Internet*, cenário propício para se dissimular. Outro fator que é evidenciado na cultura do simulacro é a síndrome do narcisismo, um mal estar presente na organização social que incide sobre as subjetividades contemporâneas. Além da compulsividade por compras, quando o indivíduo é superestimulado a buscar um estilo de vida consumista, obedecendo ao discurso social de que precisa possuir determinados bens para ser a imagem representante da indústria do consumo. E, por fim, traz um olhar sobre as sintomatologias contemporâneas instauradas e as novas configurações psicopatológicas no contexto ocidental brasileiro e oriental japonês.

A partir destas considerações sumárias pode-se, enfim, compreender a intenção deste trabalho: fomentar a reflexão sobre o espetáculo do simulacro na cultura contemporânea, cabendo à psicologia, de acordo com os pressupostos psicanalíticos, incumbir-se de uma reflexão crítica acerca deste tipo de vivência.

---

<sup>1</sup> Impropriedade que deve ser entendida não em seu sentido moral, mas em sua etimologia: que não é próprio.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Tecer uma crítica reflexiva sobre a cultura do espetáculo e a vivência em simulacro na contemporaneidade.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar uma crítica sobre a cultura contemporânea e o espírito do tempo;
- Compreender a subjetividade contemporânea e sua nova configuração, abordando a crise identitária;
- Descrever a vivência em simulacro, seus respectivos atores, destacando as Redes Sociais de *Internet*;
- Analisar o narcisismo e a compulsividade na cultura do espetáculo;
- Apontar as formas culturais de adoecimento.

### 3 METODOLOGIA

Foi utilizada como metodologia a Revisão Bibliográfica, que, segundo Gil (2010), desenvolve-se baseada em material já elaborado, especialmente livros e artigos científicos referentes ao tema. A pesquisa foi realizada no período de janeiro a outubro de 2015.

Os artigos referenciados foram indexados e publicados nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); *Google Acadêmico*; *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, Literatura Latino-Americana e Caribe (LILACS); além do acervo da biblioteca Júlio Bordignon da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA) em Ariquemes/RO; outros provenientes da biblioteca particular da orientadora, além de serem feitas aquisições pessoais por parte da orientanda. Para os critérios de seleção, optou-se por publicações em periódicos em português publicados no período de 1997 a 2014. O critério de exclusão incidiu sobre referências que não compreendiam o período estabelecido e não versavam sobre o tema; foram incluídos os artigos em consonância com a temática do trabalho e que preenchiam o requisito da faixa temporal estabelecida. Desta forma, para a construção textual foram utilizados 33 publicações eletrônicas, sendo: 28 artigos, 3 teses, 1 dissertação, 1 monografia; 33 livros; e 1 documentário. Dentre estes, 4 em língua estrangeira: 3 artigos em inglês e 1 tese em espanhol.

Os autores específicos direcionados ao tema investigado e conceitos foram: Theodor Adorno, Guy Debord, Jean Baudrillard, Max Horkheimer, Zygmunt Bauman, Sigmund Freud, Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis e David Epelbaum Zimerman.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 A CULTURA CONTEMPORÂNEA E ESPÍRITO DO TEMPO

Na medida em que se propõe abarcar uma investigação sobre as formas como a sociedade contemporânea circunscreve a subjetividade, dando-lhe contornos específicos, assim como moldando os relacionamentos, torna-se premente traçar o panorama em relação ao qual o *espírito do tempo* se contrapõe, uma vez que, na dissonância e diferença do olhar, pode-se esmiuçar quem de fato as pessoas têm se tornado. Desta feita, e partindo da consideração do arcabouço teórico psicanalítico, como esteio, um modo de sinalizar no que o indivíduo está se tornando é justamente considerar o ponto de partida inicial, ou melhor dizendo, o ponto de partida da própria teoria psicanalítica, na medida que o *espírito do tempo* desta já não é o mesmo. Certamente o materialismo, assim como nos princípios da psicanálise, é tido em alta conta, embora já não possa ser revestido dos mesmos moldes de uma epistemologia, tal como era considerado por Freud. Nesta época, o materialismo da explicação psicanalítica já não alude estritamente à explicação reducionista das causas (como na explicação pulsional primeiramente localizada no corpo), passando a incorporar também um ideal e valor material, ocupando um lugar que a recepção psicanalítica da escola de Frankfurt<sup>2</sup> aludia ao propor uma leitura atravessada por uma crítica marxista. Mas deixando esta análise de lado, pois não é dela que se trata aqui, vale apenas dizer que, *grosso modo*, a consideração valorativa do material ganha nesta época contornos ainda mais espessos do que aqueles que se insinuavam na Viena de Freud.

A visão de um cidadão vienense do século XIX ganha ainda mais relevância na medida em que sinaliza não tão somente a cultura vienense do fim do século XIX, mas também o espírito do tempo de toda uma época da qual o indivíduo se distancia sobremaneira. Sendo ferrenhamente burguesa, a sociedade vienense concebia o lugar do homem como alguém destinado a manter o *status* econômico e social. Isso só não se afigura como o destino do homem contemporâneo porque aquele homem,

---

<sup>2</sup> “A Escola de Frankfurt foi uma corrente filosófica que teve como finalidade romper uma filosofia tradicional, por um novo modelo de pensar, criando uma nova ordem filosófica que tinha como pano de fundo a sociologia, a economia e a política, tendo a Teoria Crítica de Max Horkeimer, uma Matriz fundamental para a sua criação e seu desenvolvimento”. (NASCIMENTO, 2014, p. 244).

antes de perseguir seu destino como futuro magnata burguês somente no âmbito profissional, também o fazia na esfera pessoal, e por isso, o magnata deveria negociar um bom casamento. A posição masculina do homem era mais confortável que a da mulher porque ele poderia se satisfazer sexualmente antes de casar, podendo recorrer aos caros serviços ofertados pelas prostitutas. Já a mulher, restava apenas a submissão à figura masculina, tanto paterna, antes do casamento, quanto marital, após o casamento. Assim, ela era destinada a obedecer às regras do cônjuge. Enquanto o marido se dedicava à arte e aos negócios, à mulher cabia a parte mais dolorosa, como permanecer em casa dedicando-se às prendas domésticas; os estudos eram realizados até a aquisição de um conhecimento básico que indicasse uma “boa criação”, complementada pela apresentação como delicada, tola, ignorante, e boa mãe, abdicada das suas próprias vontades em função de agradar ao esposo, postura que era mantenedora de uma boa vida doméstica. Se sua liberdade de ação era restrita, a mesma restrição se apresentava nas vestimentas e indumentárias - típicas de uma sociedade pudica vitoriana -, que restringiam seus movimentos e cobriam veementemente seu corpo, de modo que vestir-se sozinha era um desafio. Diferentemente do homem, a mulher era impedida de manter relações sexuais antes de contrair matrimônio, mantendo o celibato. Deste modo, a Cidade dos Sonhos vienense submetia-se à hipocrisia dos casamentos combinados, na preservação do bom nome, evitando o escândalo e negociando o sentimento em troca da ascensão e *status* social. (JANIK; TOULMIN, 1999).

Vale mencionar que no apogeu do reinado da rainha Vitória esta mesma hipocrisia foi mantida, de forma que, de acordo com o dicionário Houaiss (2001) a palavra “vitoriano” significa: 1. Relativo à rainha Vitória da Inglaterra, ou à época de seu reinado (1837-1901); 2. Típico dos padrões, gostos e atitudes morais e comportamentais dessa época, em que se destacam o puritanismo e a intolerância; 3. O indivíduo inglês típico da era vitoriana. Considerando estes significados, pode-se ter uma ideia acerca da *era vitoriana*, não delimitada, portanto, às fronteiras da Inglaterra, mas representante de um conjunto de comportamentos sociais balizados pelos costumes e a moral puritana e intolerante. Neste cenário, segundo Barton (2008), os segredos eram guardados a sete chaves, não porque a sociedade era sincera na vida pública e temia a recepção de seus momentos íntimos, mas porque camuflava sua real personalidade, estabelecendo uma rígida separação dos âmbitos

do público e do privado, e nem ao mesmo neste último podia-se exercer a autenticidade. Foi neste contexto cultural vienense, cenário vitoriano marcado pela ascensão burguesa e declínio do império austro-húngaro, que o neurologista Sigmund Freud encontrava-se. Como médico renomado, cuidava dos vienenses enfermos, especialmente das mulheres de classe média e alta. Tais pacientes apresentavam as mais diversas patologias, dentre elas os sintomas conversivos<sup>3</sup> que não estariam ligados a qualquer doença estrutural ou orgânica, mas sim ao que Freud denominou como histeria; nesta doença, as mulheres reprimiam as lembranças angustiantes da infância cujo cunho emocional era intenso; pode-se cogitar que esta modalidade de adoecimento era consequência da segregação vivida por tais mulheres. Esta enfermidade direcionou Freud a trilhar o caminho da análise, afastando-se da medicina tradicional. (MOLINA, 2012).

A histeria como uma forma de adoecimento portadora de sintomas específicos tinha como público alvo predominantemente a burguesia, e neste, havia também uma faixa etária específica; pode-se incluir esta modalidade de adoecimento como surgindo tipicamente naquele cenário, de forma que, na sociedade atual, o espírito do tempo se encarregou de transformar a forma como as pessoas manifestavam seu sofrimento. Para compreender esta época e as novas configurações dos adoecimentos e do sofrimento psíquico, cabe à psicologia partir, em suas considerações, da própria análise da cultura e da visão de mundo que molda a subjetividade.

Ao se reconhecer que as formas de adoecimento psíquico são representativas de cada época e momento específico de da história cultural, torna-se premente constatar de que modo a sociedade contemporânea manifesta seu sofrimento psíquico. Na diferença daquela sociedade vienense nos idos do século XX de onde partem as considerações de Freud, constata-se uma assimetria: na medida em que aquela protegia a vida privada, reservando-a a uma vida secreta e quase incomunicável, nota-se, porém, nesta época o perigo do exibicionismo exacerbado, o fascínio pela exposição, típico da competição acirrada da sociedade

---

<sup>3</sup> “Os sintomas cujo rastro pudemos seguir até os referidos fatores desencadeadores deste tipo abrangem nevralgias e anestésias de naturezas muito diversas, muitas das quais haviam persistido durante anos, contraturas e paralisias, ataques histéricos e convulsões epileptóides, que os observadores consideravam como epilepsia verdadeira, *petit mal* e perturbações da ordem dos *tiques*, vômitos crônicos e anorexia, levados até o extremo de rejeição de todos os alimentos, várias formas de perturbação da visão, alucinações visuais constantemente recorrentes, etc”. (FREUD, 1996a, p. 20).

globalizada, de forma que a vida pública passa a se constituir não marcada pela diferença da esfera privada, mas até mesmo na falsificação desta, como se nos revela a análise da expansão das Redes Sociais de *Internet* (RSI). Almejando apresentar a compreensão do panorama que compõe a sociedade atual, faz-se necessário apresentar elementos constitutivos do modo de relacionamento dos indivíduos em meio ao apagamento das demarcações territoriais no cenário globalizado, uma vez que é através deste processo de compartilhamento político, financeiro, integrativo, que os países comunicam entre si, que podem acarretar as consequências positivas e negativas responsáveis por enformar a subjetividade.

A globalização tem ditado as ordens e normas a serem seguidas, pois mesmo que a pessoa não se dê conta do *modus operandi*<sup>4</sup> da organização globalizada, partilha em seu cotidiano da mesma ideia de trocas que se estende além dos interesses financeiros e comerciais. A percepção de mundo já não é a mesma: embora os continentes estejam distantes geograficamente, cada vez mais são aproximados pela globalização. Este processo é visto pelo renomado sociólogo francês Zygmunt Bauman (1999) como um destino irremediável e irreversível do mundo, afetando a humanidade e proporcionando à sociedade contemporânea um discurso ambíguo, que monopoliza a realidade atual. É interessante destacar que o compartilhamento é tão rápido que uma simples palavra da moda é vista como um lema, uma encantação mágica, ou até mesmo como uma senha que abre portas para os mistérios presentes e porvir. Assim, enquanto alguns acreditam que a globalização é o meio que o liberta para a felicidade, outros, porém, afirmam ser a causa da sua infelicidade. Tal constatação é preocupante e digna de questionamentos e ressalta a necessidade da investigação do que estaria por trás de toda esta organização. Uma das questões proeminentes seriam os motivos que fazem com que algumas pessoas considerem as mudanças advindas da globalização como boas e outras apontem, mais proeminentemente, como flagelo.

O psiquismo do indivíduo está sendo influenciado de maneira diferenciada tanto pelas tecnologias quanto pelo processo de globalização, muito embora alguns defendam que não sofrem nenhum dano. Entretanto, observa-se que a exigência do tempo efetivo, demanda da produtividade incessante, exigência da intelectualidade

---

<sup>4</sup> Expressão em latim – cujo significado é modo de operar, designando a maneira de agir ou executar determinada tarefa da mesma forma. (MICHAELIS, 2009).

apta à competição: é o império das imagens que tem que de imediato produzir mudanças no outro, a comparação com os pares, arquitetando a performance das ações individuais na efetividade demarcada com relação à produtividade, medida pelo tempo do relógio e não pelo tempo do sentido, imaginação e introspecção; são estes ditames que angustiam a sociedade, fazendo com que o indivíduo seja cerceado pela ansiedade. (ARANTES, 2009).

Mediante esta análise se pergunta pelo resultado da recepção da globalização por meio das novas tecnologias - especialmente as ligadas à informática e a rede de comunicação instantânea - na psique do indivíduo contemporâneo. Neste questionamento, constata-se que o psiquismo do indivíduo é sobremaneira influenciado, sendo evidentes os impactos desta massificação nos mais diversos contextos, tais como: na formação ideológica, no estilo de vida, na apologia ao consumismo, no culto “sagrado” e exacerbado da estética corporal, dos hábitos alimentares, e na impulsividade manifesta nas mais variadas instâncias (compulsão por compras, reatividade temperamental, drogadição, entre outros). Esta exposição e compartilhamento de informações no âmbito virtual, ao mesmo tempo em que aproxima os indivíduos antes afastados pelo espaço geográfico, promovem também relacionamentos impessoais e técnicos. (ZIMERMAN, 2004). Refletir sobre este assunto torna-se premente ao se levar em consideração de que esta ferramenta tão eficiente poderia desencadear os mais variados tipos de transtornos, muitas vezes conduzindo o indivíduo a forjar uma personalidade e, até mesmo, desconhecer sua própria identidade.

As características peculiares que marcam o *espírito do tempo* da contemporaneidade foram apresentadas pelo pensador francês Guy Debord (2003) em sua obra mundialmente conhecida, “*A Sociedade do Espetáculo*”. Sob a perspectiva deste autor, o indivíduo apresenta uma realidade diversificada e ao mesmo tempo contrastante, as quais são performáticas, aparentes e organizadas socialmente. De maneira que o escritor define este tipo de espetáculo da seguinte maneira:

O espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda a vida humana, socialmente falando, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a *negação* visível da vida; uma negação da vida que se tornou visível. (DEBORD, 2003, p. 11).

O interessante é que Debord (2003) já havia presenciado esta realidade antes mesmo da primeira edição deste livro em 1967. E o que chama a atenção é que muitas das transformações culturais nem foram presenciadas por ele, pois morreu em 1994; ainda assim, ao contemplar o presente, presumiu a realidade atual: o espetáculo. Viver em espetáculo permite ao indivíduo criar um personagem totalmente oposto à sua realidade. O indivíduo, na maioria das vezes, habitua-se à aparência, a ocultar-se, como se de fato o papel por ele representado fosse realidade, comungando socialmente, sem grandes esforços e com grande desenvoltura, este papel. Assim, apresentar-se como de fato é, torna-se uma realidade cada vez mais extinta, fator este que é prejudicial quando se pensa em saúde mental e o *self* real.

Como já mencionado, um dos componentes preocupantes no cenário do espetáculo é apologia ao consumo. O consumismo tem sido uma das características marcantes na sociedade performática. A ostentação tem sido disseminada, de maneira que o indivíduo busca incessantemente satisfazer suas necessidades, não porque esteja precisando de determinado objeto, mas pelo simples prazer de mostrar ao outro que ele o possui, mesmo que isto lhe custe o que não tem. Bauman (1999) afirma que a sociedade contemporânea é uma sociedade de consumo, no sentido mais intenso e essencial, se comparada à sociedade moderna do passado, pois o modo como a sociedade contemporânea molda os indivíduos é *a priori* ditado, de forma a instigar seus membros a desejar cumprir o papel de consumir.

O consumidor em uma sociedade de consumo é uma criatura acentuadamente diferente dos consumidores de quaisquer outras sociedades até aqui. Se os nossos ancestrais filósofos, poetas e pregadores morais refletiram se o homem trabalha para viver ou vive para trabalhar, o dilema sobre o qual mais se cogita hoje em dia é se é necessário consumir para viver ou se o homem vive para poder consumir. Isto é, se ainda somos capazes e sentimos a necessidade de distinguir aquele que vive daquele que consome. (BAUMAN, 1999, p. 88).

Este mesmo autor ainda aponta que os consumidores da sociedade de consumo se apresentam em constante movimento, procurando, buscando, e não encontrando o que procuram. Contudo, essa busca incessante pode representar para ele a promessa da própria bem-aventurança, não necessariamente um mal estar, e desta forma o consumidor é excitado por uma sensação nova que ainda não foi experimentada, mas que faz parte do jogo de consumir, tendo o prazer primário em acumular sensações e, em segundo sentido, colecionar coisas.

E é mediante esta realidade que cabe refletir a respeito do modo como a subjetividade individual está sendo preservada, uma vez que este tipo de vivência pode influenciar severamente o ser humano a abrir mão de suas crenças, costumes, valores, em função de apresentar uma imagem falseada de si. Posto de outra forma será que ainda é possível resguardar, preservar a subjetivação em uma sociedade que aplaude o espetáculo?

#### 4.2 SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA: EIS A QUESTÃO

Já é bem entendido que a subjetividade<sup>5</sup> é constituída a partir do compartilhamento cultural e social ao longo do tempo e que é exatamente por meio deste alicerce que o indivíduo diferencia-se, cultivando assim sua singularidade. Entretanto, discorrer sobre subjetividade na contemporaneidade está se tornando cada vez mais desafiador, devido a este conceito estar perdendo sua essência. Prado Filho e Martins (2007) mencionam que o conceito de subjetividade surgiu na filosofia e ao final do século XIX, migrando após esse momento para o campo psicanalítico. Já no final do século XX e a partir do domínio da psicologia, a questão subjetiva recebeu um tratamento especial, tanto no âmbito histórico quanto no campo social e político. A literatura aponta uma concordância entre os autores ao defenderem a particularidade da subjetividade. De acordo com Mezan (2002) a subjetividade pode ser compreendida sobre duas perspectivas díspares: como uma experiência intrínseca (de si mesmo), na qual explica-se fenomenologicamente as dimensões das vivências individuais e sua origem, e como a condensação de variadas determinações, constituídas pela identidade e diversidade. O aspecto mais imediato da subjetividade é o *self* (eu), que é a sensação que o indivíduo tem a

---

<sup>5</sup> Prado Filho e Martins (2007, p. 19) empregam o termo subjetividade “de forma genérica, sem conotação demarcada, portanto não necessariamente ligado ao sentido a ele atribuído pelo discurso psicanalítico, não necessariamente designando uma instância de interioridade, e recusando todas as formas de substancialização, naturalização e universalização a ele associadas. A arqueologia do conceito (...) mostra seu surgimento no campo da filosofia do conhecimento, sua entrada no campo psi pelas mãos da psicanálise freudiana, e sua passagem aos domínios da psicologia onde ganha difusão e multiplicidade de sentidos ao longo do século XX. Portanto, não designa um fenômeno unívoco nem natural, mas uma construção histórica do discurso moderno – um enunciado de um dispositivo – envolvendo jogos de saber, práticas de individualização e normalização, além de efeitos de subjetividade e modos de subjetivação”.

respeito de si mesmo, representando o aspecto mais imediato da subjetividade do ser humano. Pelo fato de Mezan compreender que diferentes “subjetividades” compõem a singularidade do indivíduo, menciona a subjetividade no plural, de forma a comportar formas diversificadas. Diz ele:

Com efeito quando refletimos sobre a subjetividade, ela pode nos aparecer como o que chamei há pouco de ‘condensação de uma série de determinações’. Isso significa que nos identificamos pelos fatores que, combinados, engendram uma modalidade específica de organização subjetiva, um molde para as experiências individuais, o que quer dizer que a subjetividade é resultado de processos que começam antes dela e vai além dela, processos que podem ser biológicos, psíquicos, sociais, culturais, etc. Por isso, pode-se concebê-la como condensação e sedimentação, num dado indivíduo, de determinações que se situam aquém ou além da experiência de si, e que de algum modo a conformam, ou pelo menos lhe designam certos limites e condições. (MEZAN, 2002, p. 259-260).

Fica evidente que a subjetividade pode ser influenciada por fatores biopsicossociais, sendo determinada a partir das experiências individuais ou coletivas. A construção subjetiva perpassa as relações e articulações culturais com a história pessoal do indivíduo, “onde o ritual de passagem da modernidade para a contemporaneidade, procedente desta nova ordem social vigente, resultou no aparecimento abundante de novas manifestações subjetivas”. (KEGLER, 2006, p. 2). Desta forma, Mezan (2002) aponta como fator relevante os aspectos subjetivos e suas respectivas construções.

O autor explica que há três aspectos da subjetividade determinados socialmente. O primeiro é o singular – que é ímpar, pessoal e que não pode ser transferido a outra pessoa. É este aspecto que diferencia um ser humano do outro, pois todo indivíduo, mesmo que queira, é impossibilitado de compartilhar o que lhe pertence, como: a biografia, as escolhas, as paixões, os atos individuais; o segundo é o universal – que, contrariamente, pode ser partilhado com os demais, tais como: a própria linguagem, a capacidade de inventar, as necessidades básicas, ser mortal, sexuado, ter a capacidade de amar e odiar, entre outras; o último é o particular – e se encontra entre os dois anteriores – é distinto e ao mesmo tempo pode ser compartilhado com as outras pessoas. Os dois primeiros estariam no singular e o terceiro seria um plano intermediário direcionado ao plural.

É justamente neste terceiro exemplo que encontra-se a subjetividade contemporânea, coletivizada, na qual é considerado como cafona quem estiver fora dos padrões propostos pela cultura vigente. E o que é mais assustador é que não

somente crianças, adolescentes que experenciam momentos de pré estruturação e estruturação da personalidade, mas também o próprio adulto vive o apelo da imagem, imitando o adolescente, sempre desejando algo mais. De acordo com Mezan (2002) a subjetividade do adolescente contemporâneo é oscilante, mas o que é mais preocupante é a semelhança de comportamentos estereotipados comuns a esta faixa etária nos “adultescentes”, os quais não resolveram seus conteúdos anteriores e tendem a repeti-los quando adultos. Ele observa que na atualidade os meios de comunicação vinculam uma eterna juventude e o indivíduo é superestimulado a viver padrões preestabelecidos, de maneira permissiva, conformando-se com os modelos subjetivos que lhes são impostos.

Quem diz subjetividade, diz modo ou modos de ser. Por isso é na região do narcisismo, do ego e das instâncias ideais, como o superego e o ideal do ego, que a meu ver operam os mecanismos que estou tentando caracterizar. Eles devem ser – e, empiricamente, tem sido – suficientemente fortes para constituir uma maioria de sujeitos viáveis, capazes de funcionar na sociedade em questão e perpetuar a existência dela; e, ao mesmo tempo, suficientemente flexíveis para possibilitar as diversidades individuais, os diferentes modos de ‘ser eu’ que correspondam ao espectro próprio daquele determinado e específico grupo. (MEZAN, 2002, p. 268).

É interessante pontuar que o adolescente está sempre perseguindo o ideal do ego, buscando algo no futuro. Já os desejos do adulto são voltados ao devir, pois ele nunca é, muito embora esteja sempre perseguindo uma realidade que é do sonho, pelas imagens, pela simples comparação com os demais. Na verdade esses adultos não são, eles tentam perseguir um ideal inatingível. Esse vir-a-ser do adulto na contemporaneidade é o protótipo do adolescente, pois eles nunca se sentem com propriedade, sempre têm que encher mais o copo, perseguir mais coisas. Isso talvez seja desencadeado pela comparação com o outro e se dê pela falta de reflexão sobre mudanças pessoais, pois o velho já é inútil, ultrapassado e descartado. Enquanto que o adolescente esquece a vida de criança e busca conquistar a vida adulta, os adultos, não aceitam a velhice. Esta sede incessante da personalidade de se reinventar a cada momento, de ser outra, conduz a uma insatisfação consigo mesmo. Porque a etapa de acolhimento, de valorar o que se possui, que se é, as pessoas próximas, parece-lhe perda de tempo.

Em meio a este cenário, Bauman (2008) compara a subjetividade com o fetichismo da mercadoria propagado pelo anseio por uma felicidade instantânea e perpétua, tendenciosa a repetir-se constantemente; é inadmissível para o

consumidor legitimizar qualquer grau de infelicidade porque fazendo isso desqualificaria sua imagem perante a sociedade. Nesta direção, Birman (2009, p.190) reflete que na verdade o que está acontecendo é que a subjetividade se aproxima de “ganhar contornos espaciais, definindo-se por superfícies de contato e superposição”. O que é também considerado por Peixoto Júnior (2003), ao pontuar que o indivíduo é compelido a repetir normas de subjetividade pré-estabelecidas:

A subjetividade se vê compelida a repetir as normas pelas quais foi produzida, ainda que esta repetição estabeleça um domínio de risco. Se alguém falha em reinstalar a norma ‘de maneira correta’, torna-se sujeito a sanções ulteriores, o que faz com que se sinta ameaçado em suas condições predominantes de existência. Sem uma repetição que ponha em risco a própria vida em sua forma de organização atual, seria impossível começar a imaginar a contingência desta organização e, performativamente, reconfigurar os contornos das condições de vida de cada um. (PEIXOTO JÚNIOR, 2003, p. 7).

Já na visão de Félix Guattari (1992), a subjetividade é produzida tanto por instâncias coletivas quanto por individuais e institucionais; ele apresenta a subjetividade plural e polifônica que desconhece qualquer instância dominante de determinação que direcione as outras instâncias a uma causalidade afim. Assim, ele pontua que as máquinas sociais, tais como equipamentos coletivos, máquinas tecnológicas de informação e comunicação, têm operado no núcleo da subjetividade humana, especialmente na sua sensibilidade, afetos e ao que ele denominou de fantasmas inconscientes. Diante desta realidade, o autor aponta alguns componentes produtores da subjetividade como: 1. Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. Elementos fabricados pela indústria da mídia, do cinema, etc; 3. Dimensões semiológicas asinificantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às “axiomáticas propriamente linguísticas”, nas quais o coquetel subjetivo aspirado e desejado pelo ser humano é a modernidade tecnológica e científica e suas respectivas transformações. Há uma busca incessante pela “homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade”. (GUATTARI, 1992, p.11). Que faz com que “a produção maquínica da subjetividade” conduza o ser humano tanto para o melhor, quanto para o pior, dependendo das articulações dos agenciamentos coletivos.

Pensando nestes tipos de produção da subjetividade atravessadas pelos ditames culturais, percebe-se que também a versão líquido-moderna da configuração da subjetividade, na perspectiva de Bauman (2009), supervaloriza o consumo, e tem conduzido o indivíduo despossuído de recursos substantivos à opressão; mesmo que este se considere livre, ao agir sob o prisma dos seus próprios desejos, pode privar-se da liberdade. Este tipo de privação é digna de ponderação, pois se o indivíduo agir sobre o prisma da opressão social, falseará sua real subjetividade com o propósito de não sofrer qualquer que seja a objeção do outro, ou de fato pode se apropriar desta construção subjetiva, encarando as punições sociais em prol do seu eu real, o que pode causar sofrimento e adoecimento.

O grande perigo em relação às novas formas de subjetivação é a sua fragmentação e o seu futuro. Birman (2009) demonstra uma certa preocupação relacionada a este futuro por entender que a sociedade contemporânea é permissiva, tolerante à captação dos segredos subjetivos, e isto reproduz o sofrimento, o mal estar contemporâneo. O que é acordado por Araújo e Costa (2014), ao pontuarem que a subjetividade passou a ser de certa forma múltipla, compartilhada socialmente (intersubjetividade) passando a ter essencialmente uma configuração caótica; bem como também por Carrera (2012), ao afirmar que o indivíduo, cerceado por sua particularidade, tem procurado construir a sua subjetividade em um ambiente subjetivo socializado, mediado também pelos organismos culturais enraizados e em meio às transformações sociais e suas práticas inovadoras. Com isto, a cultura ocidental fragmenta e forja a constituição da própria subjetividade, como afirma também Birman:

Nas últimas décadas, constitui-se no Ocidente uma nova cartografia do social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação é não apenas uma forma de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetividade são forjadas. Em todas essas maneiras de construção de subjetividades, o eu se encontra situado em posição privilegiada. No entanto, esse autocentramento do sujeito no eu assume formas inéditas, sem dúvida, se considerarmos a tradição ocidental do individualismo iniciada no século XVII. (BIRMAN, 2009, p. 23).

Este mesmo autor assegura que, mediante estas mudanças na construção subjetiva, não mais se faz uso dos eixos constituídos tão usados no início da modernidade; o que mais se observa é que o indivíduo deixa de refletir ou interiorizar

qualquer significado pessoal, e isto, de certa forma, é preocupante, pois o que se percebe na atual constituição subjetiva é o jogo paradoxal entre o autocentramento e o apego à exterioridade. O que se prioriza neste contexto é a estética subjetiva em que o olhar do outro, tanto no campo social quanto no midiático, ocupa uma posição essencial na economia psíquica do indivíduo. E é nesta mesma situação que Santos (2012), utilizando-se de Foucault, menciona os ciclos de passagem da sociedade disciplinar para a de controle, refletindo que o exacerbamento do consumismo e da mídia tem servido de palco para a construção subjetiva em voga; se na sociedade disciplinar a subjetividade era forjada por meio de processos instituidores de disciplina do corpo e da mente por instâncias tutelares, na contemporaneidade estas figuras tutelares se ausentam e a subjetividade passa a ser forjada por meio não de um único poder disciplinar, mas através do olhar dos outros, dos outros heterogêneos a partir dos quais se institui um controle das ações e dos desejos:

Já não é mais novidade que as transformações sociais, econômicas e culturais alcançadas na contemporaneidade modificaram também as formas de constituição da subjetividade. Essas transformações são consequências da passagem da modernidade para a pós-modernidade, que é caracterizada pela presença da heterogeneidade e da diferença, tendo como características fundamentais a fragmentação, a indeterminação e a desconfiança nos discursos universais. (MENDES; VIANA; BARA, 2014, p. 423).

A lacuna de um poder disciplinar não instaura de forma unívoca subjetividades massificadas e fragmentárias de acordo com Mezan (2002), pois em se tratando da sociedade brasileira e reatualizando a dialética hegeliana do senhor e do escravo, pontua a existência de dois tipos de construção subjetiva: a primeira, programada para mandar, e a segunda para obedecer - logicamente que quem manda é a minoria, enquanto que a maioria é destinada a obedecer. Conforme a sua perspectiva, enquanto a minoria da população brasileira tem à disposição invenções da sociedade capitalista consumista - como: objetos de investimento libidinal, o usufruto de produtos sofisticados, variadas atividades profissionais ou de lazer -, a imensa maioria não usufrui e conforme este autor, nem sequer sonha<sup>6</sup> com tais objetos. A própria constituição da subjetividade, o acesso a educação tradicional ou informatizada, vincula produtos culturais e ao mesmo tempo habilita o indivíduo a

---

<sup>6</sup> Uma ressalva se faz a esta reflexão de Mezan (2002). Entende-se que o indivíduo manifesta, sim, este desejo, muito embora em alguns momentos seja impossibilitado de adquirir determinados objetos.

desfrutar deles, a tomá-los por representantes dos objetos internos (MEZAN, 2002). Desta forma, mesmo em uma mesma cultura, os abastados e os despossuídos não poderão apresentar as mesmas formas subjetivas.

A partir desta nova categorização, mediada pelas relações de produção e consumo, as interações sociais ganham uma nova roupagem e as mudanças provocadas pela mídia produzem uma nova subjetividade. Pode-se mesmo constatar que todas as faixas etárias modificam suas relações intersubjetivas segundo a proposta midiática e consumista exercida sobre cada um. (CAMPOS; SOUZA, 2003). Este tipo de influência tem chamado a atenção na sociedade contemporânea, por isso a necessidade de se questionar o porquê da subjetividade estar cedendo espaço à intersubjetividade e o funcionamento desta nova preposição.

A intersubjetividade seria um mecanismo propício para levar à falência o sujeito uno, uma vez que a sua subjetividade é deslocada através das interações nas Redes Sociais de *Internet* (RSI), por exemplo. (SANTAELLA, 2013). Mediante esta realidade, verificou-se a necessidade de se investigar os relacionamentos tecidos por meio das tecnologias de comunicação e de que forma eles predispõem a construção de uma subjetividade pautada na intersubjetividade, uma vez que é neste contexto virtualizado que o sujeito recorre a outrem, tentando construir um invólucro que desconstrói socialmente toda a subjetividade até então construída, compondo uma subjetividade ilusória a qual faz da linguagem formal o que lhe permite para a constituição subjetiva e intersubjetiva. (ARAÚJO; COSTA, 2014). O interessante é que as transformações, os fenômenos, os novos comportamentos estão diretamente ligados a estas novas formas de subjetivação.

Vivemos numa sociedade de alta subjetividade que, cada vez mais, submete os fenômenos e os comportamentos à lógica subjetiva: a vida, a autoridade, a morte assumem relevo subjetivo, tornam-se fenômenos nos quais a experiência subjetiva passa a ser decisiva, sem que se chegue a compreender a diferença que realmente existe entre fenômeno e direito subjetivo. Nem sempre a carga de subjetividade que permeia um fenômeno ou um comportamento pode traduzir-se num direito do indivíduo de julgar e decidir por si só com relação ao fenômeno e ao próprio comportamento. (MAMELUQUE, 2006, p. 622).

Mediante esta realidade é visível as influências fenomenológicas e comportamentais modificadas pelo espírito do tempo, pois o que se observa nesta sociedade, diferentemente da sociedade vitoriana, é o excessivo desejo exibicionista e autocentrado; este cenário intersubjetivo apresenta-se vazio, sem

maiores investimentos ou trocas inter-humanas, o que certamente enfraquece as relações interpessoais, fragilizando a subjetividade cada vez mais. (BIRMAN, 2009). Vive-se, portanto, o cenário do espetáculo, onde é defendido o *habitus* – as subjetividades socializadas. O *habitus*<sup>7</sup> antevê o usuário como matéria-prima para a construção da sua subjetividade no ciberespaço, direcionando-o a criar identificações que supostamente atestem a veracidade do *ethos*<sup>8</sup> – a imagem, o ser que o sujeito tem de si mesmo – que o representa. (CARRERA, 2012). Este tipo de interação de certa forma produz uma intersubjetividade, uma vez que os são compartilhados hábitos comuns, fomentando assim um modelo a ser seguido por todos, remodelando a subjetividade individual; assim, versando a respeito dos meios de comunicação virtual, a autora afirma que:

Os usuários do *Instagram* criam uma certa valorização deste tipo de imagem, compartilhando hábitos singulares como modelo de gosto a ser seguido. Generalizado dentro do grupo social, este gosto passa a ser visto como parte da natureza dos indivíduos, nos quais a aprendizagem de valor introjeta formas de estar no mundo subjetivizadas. (CARRERA, 2012, p. 151-152).

O interessante é que esta supervalorização da imagem, gostos, hábitos comuns, conduz o indivíduo ao desejo de ser o primeiro a conhecer determinada situação e a querer constantemente agradar ao outro em função de fazer parte desses grupos, de sorte que o indivíduo abdica da sua própria subjetividade, passando a colocar em evidência o *habitus* dos demais usuários do *Instagram*, seguindo o exemplo dado. No entanto, esta característica não é peculiaridade apenas das RSI, mas da sociedade globalizada, capitalista e consumista, em todos os contextos. Este afrouxamento do processo de identidade no seio das RSI permite

---

<sup>7</sup> O *habitus* é uma palavra latina utilizada pela tradição escolástica que tem uma longa história nas ciências humanas, remontando a Aristóteles, mas sendo desenvolvido nos moldes em que nos utilizamos do conceito pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que por meio dele pretendeu por fim à antinomia indivíduo-sociedade; neste sentido, o *habitus* se relaciona à capacidade de uma estrutura social predispor o indivíduo para sentir, pensar e agir na medida que ele a incorpora. Segundo Setton (2002, p. 61), Bourdieu o utiliza como um instrumento conceitual que visa a “relação, a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos”. Tal conceito auxilia pensar as características identitárias construídas socialmente “de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente”. O *Habitus* como matriz cultural permite que as pessoas façam suas escolhas, além de conceder habilidade acerca do “processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo”.

<sup>8</sup> *Ethos* é uma palavra de origem grega, cujo significado é morada do ser, da qual se derivou o caráter moral. Geralmente este termo é usado para apresentar descrever hábitos ou crenças comuns em uma cultura, mas vale ressaltar também o sentido maior de *ethos*, em consonância a uma visão existencialista heideggeriana, que não diz respeito às leis morais, mas ao Ser do homem; alude ao “lugar de morada, espaço aberto onde habita o homem”. (HEIDEGGER, 1946, *apud* CORRÊA, 2001).

ao indivíduo socializar-se com um maior número de pessoas, ser aclamado, entrar em oscilação e cair em declínio de acordo com teia das opiniões grupais; torna-se evidente um cenário em que a criação e a representação do *ethos* passa a valorizar muito mais questões objetivas do que ações subjetivas. Esta dicotomia identitária não é nenhum pouco saudável, uma vez que o indivíduo pode ser conduzido a abrir mão da sua própria subjetividade em função de agradar e representar para o outro.

Não há, portanto, simetria entre sujeito e subjetividade, não existe naturalmente esta unidade e esta fidelidade a si mesmo – esta relação, esta colagem das características subjetivas em um sujeito, esta individualização da subjetividade, é resultado dos jogos de normalização e de marcação da identidade, característicos das sociedades Ocidentais modernas. (PRADO FILHO; MARTINS, 2007, p. 17).

Assim, por se compreender que a subjetividade tem como objeto de estudo o próprio sujeito e que a instância interior construída historicamente faz parte das suas experiências, torna-se premente uma reflexão acerca das novas configurações subjetivas que estão sendo apresentadas contemporaneamente, uma vez que é justamente este o papel da psicanálise: naturalizar e conferir unicidade à subjetividade como inerente ao indivíduo, de maneira que ele reproduza o que de fato faz parte de si. (PRADO FILHO; MARTINS, 2007).

#### 4.3 O PROCESSO IDENTITÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE: SER OU NÃO SER?

Em meio a este cenário, a reflexão solitária que se perturba em “ser ou não ser” entra em decadência; perde a importância defender ou preservar a identidade, atitude que muitas vezes é vista como ultrapassada e fora dos padrões socialmente estabelecidos, de forma que manter a identidade nesta sociedade globalizada e consumista, que compartilha os *selfies*<sup>9</sup>, a aparência, e divulga as posses que lhe

---

<sup>9</sup> Cabe pontuar que o próprio termo, tal como utilizado nas RSI, mas apelidado carinhosamente no diminutivo em inglês, o “*selfie*”, significa tirar uma imagem fotográfica de si como protagonista em um cenário qualquer, acompanhado ou não de outras personagens. Desta forma, “tirar uma *selfie*”, ao mesmo tempo que almeja reter o momento para reproduzi-lo a outros anônimos espectadores desta dramaturgia lacônica – senão muda -, significa fabricar a si mesmo numa situação artificial, eternizando-a e tornando-a o esteio de toda a vida que pode ser mostrada, ou que é digna de ser mostrada aos outros.

ditam quem é perante o meio social, é uma atitude que, evidentemente, é cada vez mais rara.

A identidade é um conjunto de características específicas por meio da qual o indivíduo apresenta sua individuação, singularidade e peculiaridade; é uma marca digna de ser cultivada e preservada. Entretanto, o que mais se percebe é que este processo entra em declínio na atual conjuntura. Hall (1997), ao fazer referência às formulações das identidades, menciona que estas são formadas culturalmente, podendo ser mutáveis dependendo do contexto em que foram construídas historicamente. Kroef (2012), em concordância, ratifica este mesmo pensamento, além de afirmar que a cultura, por ser influente, modifica-se constantemente, e as mais variadas vivências culturais possibilitam que o sujeito manifeste diferentes formas de identidade. Muito embora seja defendida a sua preservação e solidificação, a sociedade líquida da qual conceitua Bauman (2009) tenta recriar novas formas de identidade, atraentes aos olhos de quem segue firmemente os padrões socioculturais.

Em se tratando de identidade cultural, o que se observa na atual conjuntura é a volatilidade constante e a fluidez por parte do indivíduo. Preocupado com esta situação, Bauman (2009) alerta que o indivíduo, em busca no percurso identitário, tem colocado sobre si o peso da vulnerabilidade e fragilidade, desincumbindo-se dia após dia do que ele nomeou de tarefas de identificação. As afirmações corriqueiras até então saudáveis podem induzi-lo à transformação da sua identidade em função de uma liberdade defendida por terceiros, o que pode leva-lo a rebelar-se contra tal transformação. Diante da realidade desta sociedade volúvel, observa-se que ainda é possível resguardar, preservar, defender a identidade, desde que haja o empoderamento pessoal e que a crítica aos ditames culturais faça parte do cotidiano de cada um. Sem estas ferramentas, o indivíduo tornar-se-á coparticipante da fluidez cultural contemporânea, e a sua real identidade certamente será dissipada.

Para que a identidade seja preservada é necessário que se cultive o autocentramento, o autoconhecimento, além de desenvolver a arte de si mesmo, ponderando-se resolutamente, repelindo acepções e identidades que lhes sejam impostas ou insinuadas por outrem. O indivíduo deve ater-se à sua singularidade, não permitindo ser coagido pelas pressões externas, a ponto de ter que tornar-se outra pessoa e realizar desejos que não lhe são próprios. (BAUMAN, 2009). É preciso entender que, mesmo em meio ao capitalismo selvagem, a concorrência

incessante, ainda é possível desenvolver a arte da reflexão - de parar com a correria diária, separar um tempo, mesmo que curto, para se presentear com um olhar voltado a si - só assim o processo identitário será aperfeiçoado.

O produto da arte da vida é, supostamente, a 'identidade' do artista. Mas, dadas as oposições que a autocriação luta em vão para conciliar, e a interação entre o mundo em constante mudança e as auto definições, igualmente instáveis, de indivíduos fazendo o possível para se ajustar a condições de vida cambiantes, a identidade não pode ser internamente consistente; nem pode, em algum ponto, exibir um ar de conclusão que implique não haver espaço (e não estimule o impulso) para novos aperfeiçoamentos. (BAUMAN, 2009, p. 114-115).

É válido mencionar que quando o processo identitário acontece de forma singular, nenhuma proposta de troca ou nova indicação deformará a identidade já estabelecida; mesmo que, como Bauman (2009) pontuou, ela seja recriada na contemporaneidade *in status nascendi*<sup>10</sup> ao assumir várias formas e experimentar o estado de aflição proporcionado por um contrassenso interno em um nível mais ou menos agudo, essa multiforme identidade é capaz de elevar a insatisfação, necessitando de uma reforma e de uma credibilidade que, na sua visão, pode ser conquistada mediante a longevidade. Isto não é fácil e as pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de alcançar o que lhes é impossível, uma vez que a socialização é um produto complexo e instável que anseia pela liberdade individual e necessita do “selo da aprovação social autenticado por uma comunidade”, fazendo com que a identidade não seja mais um processo unidirecional; estas tarefas não podem ser realizadas no “tempo real” e são presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na “infinidade”. (BAUMAN, 2005, p.17,18). Neste mesmo sentido o sociólogo faz uma analogia da identidade com um navio, sendo os portos as comunidades onde o navio pode ancorar e serviriam para depositar objetos de alto valor. Ele aponta que há comunidades que não são tão convencidas na:

Verificação de credenciais nem dão muita importância aos destinos passados, presentes e futuros de seus visitantes. Admitem praticamente qualquer navio (ou 'identidade'), incluindo aqueles que provavelmente serão obrigados a retornar da entrada da maioria dos outros portos (ou dos postos de verificação de qualquer outra comunidade). Mas, então, visitar esses portos (e 'comunidades') resulta em pouco valor de 'identificação' e é melhor ser evitado, já que depositar lá cargas preciosas pode se revelar no futuro um risco e não uma vantagem. Paradoxalmente, a emancipação do eu

---

<sup>10</sup> Do latim, cujo significado é “no estado de nascimento”.

precisa de comunidades fortes, seletivas e exigentes como seus instrumentos. (BAUMAN, 2009, p. 117).

Logo, agir impensadamente, sem nortear o destino que se objetiva chegar, é perigoso. É preciso resguardar a preciosidade existente em cada pessoa, sem “copiar e colar” o que se julga interessante ou se menosprezar e submeter-se a pressões socialmente impostas, mesmo que estas sejam veladas.

Este é o cenário no qual Bauman (2007) conceitua a existência de uma vida líquida em meio a uma modernidade líquida, definindo-as da seguinte maneira: a primeira seria o formato em si demandado pela sociedade líquido-moderna; já a segunda seria uma espécie de instabilidade em que a cada instante o indivíduo movimenta seus hábitos, rotinas, sua maneira de agir em curto prazo. Segundo o seu ponto de vista, ambas são alimentadas e revigoradas reciprocamente, reconfigurando-se de modo repentino, pois as realizações individuais não podem ser solidificadas pela própria demanda contemporânea que apregoa transformações instantâneas, tornando o novo em obsoleto rapidamente e não oferecendo oportunidades para a apreensão. Deste modo, a vida líquida é vista como precária e absorvida de incertezas constantes e a pessoa vive a ansiedade de não evoluir ao comparar-se com o outro, deixando de acompanhar as constantes mudanças, abdicando do que lhe é próprio em função de obter outras singularidades que lhe parecem mais aprazíveis. Consequentemente, quem está inserido neste contexto líquido-moderno habitua-se ao *frenesi* e ao constante movimento.

Esta realidade oportuniza ao indivíduo uma vida de aparência e movimento que o incitam a recusar a sua própria vontade, cedendo às pressões impostas. Assim, na atualidade, encontra-se em alta o lema da modernidade de “ir em frente despindo-se a cada dia dos atributos que ultrapassaram a data de vencimento e desmantelamento, repelindo as identidades que atualmente estão sendo montadas e assumidas ou perecer”. (BAUMAN, 2007, p. 6). A vida líquido-moderna, então, proporciona um prêmio temporário, como em uma simples dança de cadeiras, só que pernicioso. O prêmio oferecido é a garantia temporária de ser poupado da exclusão das “fileiras dos destruídos” e desviar-se de “ser jogado no lixo”. (BAUMAN, 2007, p. 7-9).

Embora continue sendo um tema importante e uma tarefa absorvente desde a passagem, ocorrida no início da Idade Moderna, da sociedade da "atribuição" para a da "realização" (ou seja, de uma sociedade em que as pessoas "nasciam em" suas

identidades para uma em que a construção da identidade é tarefa e responsabilidade delas), a "identidade" agora compartilha o destino de outros equipamentos da vida: espera-se e prefere-se que ela, na falta de uma direção determinada definitiva, e não mais destinada a deixar atrás de si traços sólidos e indestrutíveis, seja fácil de ser fundida e passível de ser remodelada em diferentes formatos. Antes um "projeto para toda a vida", a identidade agora se transformou num atributo momentâneo. Uma vez planejada, não é mais "construída para durar eternamente": (BAUMAN, 2009, p. 20). Precisa ser continuamente *montada* e *desmontada*. Cada uma dessas duas operações aparentemente contraditórias tem a mesma importância e tende a ser igualmente "absorvente". (BAUMAN, 2009, p. 21).

Há de se comparar a identidade contemporânea ao *pay as you watch*,<sup>11</sup> um sistema de serviço prestado no qual o cliente só é onerado ao assistir ao programa ou canal pagando apenas o tempo que fez uso dos mesmos. Neste sistema, ao invés de se "exigir pagamento adiantado e uma assinatura válida para toda a vida, sem cláusula de cancelamento", concede-se permissão para ser manipulada. Nesta direção, o autor menciona que na sociedade contemporânea dá-se a necessidade de se ter uma habilidade frente ao desafio da manipulação. Assim, "as habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido-moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente, à engenhosidade e destreza de um prestidigitador". (BAUMAN, 2009, p.21).

Esta falta de apropriação da identidade conduz a pessoa a viver inteiramente sobre as influências grupais, abrindo mão de se apresentar quem de fato é. Bergeret (2000) menciona sua inquietude em relação a esta influência, pois ao aceitar os padrões estabelecidos por tais grupos, o processo identitário tende a fluidez, a plasticidade ou perda da real identidade. É justamente o grupo quem opera uma espécie de selvajaria coletiva, e caso o indivíduo não mantenha uma identidade solidificada, certamente será dominado pelo coletivo. Daí a importância de ser quem se é de fato.

Diante desta fluidez identitária, imposta e mediada especialmente pela indústria cultural, por meio da qual qualquer pessoa pode abdicar ou negar o seu estilo sem grandes perdas, o estilo é visto como vazio, e assim, já não se pode

---

<sup>11</sup> A tradução do inglês: "pague quando assistir".

separar o universal e o particular. Singelamente, sorrateiramente, sem grandes dificuldades, pode ser substituído um pelo outro. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). O que prevalece hoje é a massificação dos valores individuais antes considerados importantes e outrora defendidos.

Hoje, o trágico dissolveu-se neste nada que é a falsa identidade da sociedade e do sujeito cujo horror ainda se pode divisar fugidamente na aparência nula do trágico, mas o milagre da integração, o permanente ato de graça da autoridade em acolher o desamparado, forçado a engolir sua renitência, tudo isso significa o fascismo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 127).

Ainda na perspectiva destes autores, para a indústria cultural o indivíduo é considerado como um ser ilusório, sendo aceito apenas quando a sua identidade é alienada; o que a indústria cultural mais busca por parte deste indivíduo é a pseudoindividualidade, na qual: “O indivíduo reduz-se à capacidade universal de marcar tão integralmente o contingente que ele passa ser conservado como mesmo”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.128). De certo modo, ela reduz a identidade do indivíduo de maneira que este se apresenta não mais como indivíduo, mas como as tendências defendidas universalmente. De acordo com os mesmos autores:

A unidade evidente do macrocosmo e do microcosmo demonstram para os homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular, sob o poder do monopólio; toda a cultura de massa é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Assim, a cultura de massas alcança o objetivo de nortear uma identidade alienada, forjada e falseada; de traçar o destino de quem permitir ou se enquadrar nos padrões preestabelecidos por ela. Quem não permite, resguarda o seu eu real; quem permite, abre os braços para viver de acordo com esta realidade.

Um segundo tipo de controle que tem cerceado a construção da identidade nos dias de hoje é o consumo<sup>12</sup>. Campos e Souza (2003) refletem que a ascendência acentuada do consumo permite a identificação dos indivíduos com objetos e coisas, conduzindo-os ao pensamento que fazem parte de uma hierarquia social, o que produz o sentimento de discriminação aos demais grupos sociais.

---

<sup>12</sup> Mais a frente este conceito será abordado com mais profundidade.

O processo de construção da identidade na cultura de consumo apresenta-se como cambiante, fluido, fragmentado e parcial. Objetos e mercadorias são usados para demarcar as relações sociais e determinam estilos de vida, posição social, além da maneira de as pessoas interagirem socialmente. (CAMPOS; SOUZA, 2003, p.16).

As autoras mencionam que as identidades contemporâneas estão configuradas no consumo, pois dependem do que se possui ou do que se consumirá futuramente, e isso traz consigo um constante descontentamento da parte do consumidor, pois nem sempre se pode ter o que é ofertado. Esta situação é comum no mundo globalizado, em que poucos são alcançados pelo poder aquisitivo, mas que ainda assim sofrem por não consumir, mesmo que os produtos provenham da fugacidade e da obsolescência. Os produtos adquiridos se tornam antiquados em frações de segundos, o que torna fugaz qualquer evidência, por estes meios, da representação da identidade como análoga a um produto em uma vitrine de grife. O sujeito pretende representar o seu papel com a melhor desenvoltura possível, negociando o que é real e único como se estivesse em liquidação ou em uma banca de feira em que se paga um produto e leva dois, ou dando o lance mais alto em leilão - isto tudo é proveniente da ditadura do consumo.

Um terceiro fator influente no processo identitário é papel desempenhado pela mídia, sobretudo o da publicidade. No que tange à construção de novos modelos de identidades tanto em crianças como em jovens e adultos, a publicidade fornece os signos demarcados pela cultura do consumismo para alcançar as suas metas de vendas, tanto de produtos mercadológicos quanto dos mais variados estilos de vida, utilizando o “valor das mercadorias e dos objetos” como substitutos ao “valor do homem”; assim, o ser humano é transformado em “mercadoria”. O que mais preocupa é que atitudes como estas têm sido tomadas como regra ética no campo dos relacionamentos socializados. (CAMPOS; SOUZA, 2003, p. 15).

Para finalizar este capítulo, é válido ainda mencionar que aqui caberiam pontuar muitas outras formas de influências, mas estas desviariam o foco deste trabalho. Entretanto, vale fazer referência ao entendimento de identidade apresentado pela seguinte autora:

Por identidade estamos entendendo os arcabouços culturais, econômicos, políticos, linguísticos diferenciados do existente e que formam as estruturas de valores, comportamentos, ações e representações que influenciam e determinam as relações sociais. (RODELLA, 2005, p. 47).

Por se entender que toda estrutura identitária deve estar solidificada, é necessário que o indivíduo não ceda às pressões externas defendidas pelo comportamento sociocultural. Entretanto, o que mais se presencia na contemporaneidade é o inverso a isto, pois o indivíduo ao sofrer tais pressões, permite ser manipulado, de maneira que sua própria identidade entra em declínio. Bauman (2005) afirma que a identidade não é mais sólida como uma rocha, pois não pode ser garantida em todo o percurso da vida humana; assim, apresenta-se bastante negociável e revogável, e as decisões que são tomadas pelo próprio indivíduo são fundamentais para a construção identitária. Mediante deste cenário, cabe somente ao indivíduo à opção de abrir mão do que lhe é singular ou entrar em um colapso socializado gerador de uma sensação dicotômica: o bem estar e ao mesmo tempo insegurança.

Esta realidade é ratificada por Zimerman (2004), ao trazer o pensamento de que as transformações bio-psico-sócio-econômico-cultural e espiritual, acarretam problemas de adaptabilidade aos novos padrões emergentes, contribuindo severamente para a crise de identidade. E em meio a esta crise contemporânea o indivíduo tem duas opções de escolha: ser ou não ser; eis que esta questão é cabível somente a ele, e sem dúvida alguma qualquer uma destas escolhas trará consequências que ele mesmo terá que lidar, sejam elas boas ou ruins.

#### 4.4 A VIVÊNCIA EM SIMULACRO

É justamente quando a pessoa opta pelo ser que evidencia a sua unicidade e sua capacidade que, sem restrições, apresenta-se como de fato é. Esta escolha permite que não haja preocupação se terá ou não o selo de aprovação social. Entretanto, o que mais se tem presenciado na época presente é que quem faz esta escolha é uma minoria, pois a maioria das pessoas prefere o não ser, passando a representar papéis impróprios, habituando-se ao simulacro.

Viver em simulacro é uma realidade que culmina e ganha aplausos da maioria na sociedade contemporânea. Neste tipo de vivência, a pessoa apresenta externamente uma realidade que não lhe pertence, camuflando a sua subjetividade

e identidade somente pela satisfação em ser aprovado pela sociedade. Segundo o sociólogo e filósofo francês Baudrillard (1981, p. 8-9), o simulacro é um tipo de vivência na qual o indivíduo esconde a verdade, ocultando o que de fato existe, fingindo ter um padrão de vida que não tem. Entretanto, o conceito de simulacro é mais complicado de se compreender, pois o simulador na realidade não somente finge, mas vive este processo como se de fato fosse uma realidade de fato, introjetando atitudes nas quais ele mesmo acredita ser real, pois enquanto na dissimulação há o fingimento, na simulação o representante não vive o princípio da realidade<sup>13</sup>. “A simulação põe em questão a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’”. Assim, “os simuladores então, tentam fazer coincidir o real, todo o real com os seus modelos de simulação”. Neste sentido, o que é real de fato perde o seu significado, dando lugar ao imaginário representativo - fato que traz inquietude, pois se confunde o real com fantasia. Assim, o que ganha relevância é que a verdade, a referência, a causa objetiva, deixam de existir.

Assim é a simulação, naquilo em que se opõe à representação. Esta parte do princípio de equivalência do signo e do real (mesmo se esta equivalência é utópica, é um axioma fundamental). A simulação parte, ao contrário da utopia, do princípio da equivalência, parte da negação radical do signo como valor, parte do signo como reversão e aniquilamento de toda a referência. Enquanto que a representação tenta absorver a simulação interpretando-a como falsa representação, a simulação envolve todo o próprio edifício da representação como simulacro. (BAUDRILLARD, 1981, p.13).

A simulação ganha cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas, que já não mais questionam tanto nem refletem sobre as mentiras, e com pouca frequência separam um tempo para si. Para elas tem sido cômoda a apropriação de inverdades, de forma que viver no mundo irreal torna-se uma prática tão natural que não se sentem mais incomodadas com isto. As pessoas não mais percebem que, vivendo esta realidade, deixam de lado a própria subjetividade e abrem mão da sua identidade. Assim, sobre os holofotes do momento, se contentam com as migalhas proporcionadas pelo simulacro, deixando de experimentar o que a realidade lhes indica.

---

<sup>13</sup> Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental. Forma par com o princípio do prazer e modifica-o; na medida em que consegue impor-se como princípio regulador, a procura da satisfação já não se efetua pelos caminhos mais curtos, mas faz desvios e adia o seu resultado em função das condições impostas pelo mundo exterior. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Para que haja melhor compreensão sobre as fases sucessivas da imagem vivenciada pelo simulador, o autor acima citado apresenta as características deste processo na seguinte sequência: a) *ela é o reflexo de uma realidade profunda*: que seria a imagem da boa aparência; a representação seria o domínio do sacramento (sacramento é um conceito utilizado pelos cristãos para mensurar as diversas fases da sua vivência cristã); b) *ela mascara e deforma uma realidade profunda*: aqui o indivíduo apresenta uma má aparência, direcionada ao domínio do malefício; c) *ela mascara a ausência de uma realidade profunda*: neste outro momento o indivíduo finge ser uma aparência – é o domínio do sortilégio; d) *ela não tem relação com qualquer realidade*: ela é o seu próprio simulacro puro – em última instância já não é mais o domínio da aparência, mas a simulação propriamente dita.

É possível verificar uma sequência acrítica vivenciada pelo indivíduo que, sem se dar conta, segue a trilha destinada à simulação. Sua imagem já não é a mesma, pois o que importa para ele não é mostrar sua realidade, mas sim uma imagem falseada que seja agradável aos olhos da sociedade que supervaloriza a aparência e aprecia visualizar o exterior. Debord (2003) refere que a sociedade do espetáculo torna-se especializada em produzir imagens autonomizadas nas quais o mentiroso mente para si mesmo, e o mais assustador é que ele mesmo tem como verdadeira sua mentira. Em complemento, Baudrillard (1981) retoma o seu pensamento acerca do processo da simulação da seguinte forma:

Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização da verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram. Produção exagerado do real e de referencial, paralela e superior ao desenfreamento da produção material: assim surge a simulação na fase que nos interessa – uma estratégia de real, de neoreal, de hiper-real, que faz por todo o lado a dobragem de uma estratégia de dissuasão. (BAUDRILLARD, 1981, p. 14).

Este exagero mencionado acima é estratégico porque o simples convencimento de alguém a evidenciar uma imagem, a mudar de opinião, a desistir de sua subjetividade pode comprometer em muito a verdadeira identidade e o mal estar contemporâneo pode ser fomentado através das mais diversas formas de adoecimento. Medeiros (2012, p. 139) sinaliza que o discurso defendido e pregado em especial pela mídia, com o apoio e ao mesmo tempo o reforço da sociedade do espetáculo, não tem assegurado ao simulador o “produto mais sofisticado – proteção

contra o mal estar”. Na perspectiva deste autor a única matéria prima do simulacro é a ilusão, uma vez que ele “tem um compromisso faltoso com a realidade”. Ele aponta que a estética do ser da atualidade é instigada pelo consumismo e bens de sedução, que evoca confecções de máscaras encobridoras da real vivência do indivíduo.

Foi pensado neste deslocamento metonímico através das múltiplas máscaras que o falo pode assumir, que formulamos a ideia no plano social, dos bens de sedução. Estes seriam todos aqueles ofertados pela economia que possam servir para a confecção de máscaras que encobrem o vazio, a falta, enfim, o nada, em torno do que o desejo tece o seu véu. (MEDEIROS, 2012, p. 129).

Essa necessidade de encobrir o vazio através do consumismo tem sido uma das marcas registradas na contemporaneidade. Investigar o que estaria por trás desta realidade ainda é um desafio, entretanto, o que se observa é que o cidadão comum lança um olhar fantasioso em relação ao outro, enxergando através do seu imaginário uma imagem externa que na maioria das vezes é criada por ele mesmo. Segundo Araújo e Costa (2014), os simulacros de individualidade necessitam do olhar de um indivíduo em relação ao outro: um olhar imaginário, devaneador, que enxerga o outro como um ser inteiro e palpável, analisando-o a partir de uma observação superficial de suas atitudes, que nem sempre são reais, embora sejam apropriadas pelo observador como verdadeiras.

A grande questão é que mesmo em meio este cenário ainda é salutar desprender-se das amarras do embotamento, abrir os olhos para enxergar as verdadeiras imagens, destapar os ouvidos para ouvir ou deixar de ouvir os discursos sociais e despertar para a realidade questionando as imposições sociais e decisões pessoais. Cabe ao indivíduo soltar as algemas que lhes são impostas, quebrar os grilhões estabelecidos pela cultura e se presentear com a liberdade de pensar, de falar, de agir e refletir por si só. A partir desta decisão, a pessoa concede a si mesmo a alforria que somente ela mesma pode assinar. Caso a decisão for contrária, havendo recusa em assinar tal documento, a sentença ao simulacro pode ser a pena perpétua: abrir mão do princípio da realidade e habituar-se ao prisma do prazer.

#### 4.4.1 ATORES NO CENÁRIO DO ESPETÁCULO

Em meio a este cenário, a sociedade do espetáculo seleciona novos atores para atuarem no seu palco. Tais profissionais devem ser talentosos na arte da dramaturgia, pois se assim não forem, serão destinados ao fracasso, não obtendo o sucesso. O sucesso ou insucesso não está ligado ao verdadeiro *self* deste ator, mas a simples arte de representar, mesmo que as cenas tragam consigo o mal estar contemporâneo.

Em consonância a este mal estar, Medeiros (2012) e Cunha (2014) mencionam que o simulacro evidenciado pela sociedade contemporânea é visto como uma consequência de uma sociedade narcisista que impõe ao indivíduo uma divisão categórica, que aqui já fora mencionada de passagem, entre vencedores e perdedores. Destes dois, apenas os primeiros têm o direito à felicidade, sendo o segundo condenado ao banimento. Estes personagens são apreciados como ideais e atuantes na contemporaneidade. O predador é considerado monstruoso, mantém uma experiência perversa, aproximando-se da crueldade; é considerado um herói cruel, sádico e violento. É muito mais espectador que agente, atuando na fantasia, no simulacro, no espetáculo. Já o perdedor, vive sujeito ao predador realizando os desejos mais infantilizados possíveis.

O predador apresenta um reflexo perigoso no espelho, do qual é fundamental que o outro mantenha a distância por se sentir ameaçado. Entretanto, apesar de buscar incessantemente o aniquilamento e extermínio do outro, não pode ser considerado um assassino, pois encena o papel de um carrasco que não admite perder. Diferentemente do perdedor, que viaja no território infantil, perdido nas próprias ilusões, buscando o bem e a felicidade, desconhecendo sua alteridade, o predador também encena um papel no cenário do espetáculo. (CUNHA, 2014).

O que há de assustador na cena da predação, o que fascina e aprisiona o sujeito é a possibilidade do gozo absoluto. O que de algum modo libera o perdedor é precisamente o reconhecimento de que não pode gozar. De um lado nega-se a insuficiência afirmando fazer parte do gozo, do outro, nega-se a insuficiência sustentando um gozo que só é possível como simulacro. Para o predador há apenas uma lei, a do gozo absoluto implicado no aniquilamento do outro. Para o perdedor não há reconhecimento da lei, apenas regras que podem, como em qualquer jogo ser burladas. (CUNHA, 2014, p. 58).

Seguindo neste itinerário, este psicanalista considera que tais personagens, apesar de distintos, não são nada mais que isso: personagens que desempenham papéis no palco do espetáculo, sendo totalmente despossuídos de fundamentos,

identidades, unicidade, integridade e proeminência, mesmo que um seja subjugado e o outro o perverso.

Neste contexto de perversão e submissão, Cunha (2014) menciona que diferentemente da visão inicial de Freud<sup>14</sup>, na atualidade, a perversão deslocou-se do campo sexual do indivíduo e/ou do outro para o que ele denominou de domínio do laço social, passando a atuar na coletividade. De maneira que, tanto no campo subjetivo pessoal, quanto nos modos de organização social, indivíduo e sociedade evidenciam este tipo de perversão. Assim, as subjetividades perversas na contemporaneidade usam um recurso costumeiro, cuja tentativa é “dar conta de aspectos singulares do mundo contemporâneo” e especialmente dominar o outro, através de atos violentos e crueldade. (CUNHA, 2014, p. 45).

O que se observa na atual conjuntura é que não existem somente os perversos, mas a montagem perversa que atinge multidões, dentre elas os próprios neuróticos. Nesta montagem, o ator principal não transgrediu a lei, mas fez dela uma lei absoluta, instrumento que subjugou o outro, não lhe oferecendo o direito de realizar qualquer que seja o questionamento. Assim, o perverso segue operacionalizando sobre o funcionamento psíquico dos demais indivíduos. (CUNHA, 2014).

Visitando tais personagens, esperamos não apenas colocar em questão o vínculo pretensamente necessário entre perversão e desmentido, mas principalmente poder reconhecer nestes mecanismos ou outros efeitos que não a produção necessária da experiência perversa, marcada pela alienação subjetiva e pela redução do outro a mero objeto de gozo. Ou mais ainda, vislumbrar a possibilidade no mínimo intrigante, de que, no mundo contemporâneo, o desmentido possa se considerar em um mecanismo psíquico necessário a certas formas presentes de resistência a modos de organização e regulação do laço social; estas sim perversas, se não no sentido estrito que tal termo poderia ou deveria ter em psicanálise, certamente, em seu sentido corrente, no qual se aproxima da ideia da perversidade ou, para ser mais claro, em seu sentido moral, no qual o perverso aparece como contraponto de uma série de ideais e valores que nos parecem ainda fundamentais para que possamos nos reconhecer uns aos outros como humanos. (CUNHA, 2014, p. 47).

---

<sup>14</sup> De acordo com Lapanche e Pontalis (2001, p. 341) a perversão segundo a visão freudiana estaria diretamente ligada ao desvio sexual do que era considerado ‘normal’ na época freudiana – que seria a obtenção do prazer sexual por penetração genital, “com uma pessoa do sexo oposto”. O desvio lançaria mão de outros objetos sexuais como a homossexualidade, pedofilia, bestialidade; ou através de outras zonas corporais como o coito anal; ou quando o orgasmo é obtido através de determinadas condições extrínsecas como o fetichismo, o travestismo, o voyeurismo, exibicionismo, sadomasoquismo. Seria conjuntamente o comportamento psicosssexual que acompanha tais atipias na obtenção do prazer sexual.

Diferentemente do perverso por possuir características afins, mas semelhantemente no que diz respeito a vivenciar o simulacro, entra em cena o outro personagem, aquele que se submete inteiramente aos desejos do outro. Neste cenário Peixoto Júnior (2003) afirma que o ator se sujeita às coerções sociais, voltando-se contra a sua própria subjetividade. Assim, o indivíduo é compelido a buscar no reconhecimento de outrem, signos que representem uma subjetividade fora de si, tendendo sempre a subjugar-se aos desejos alheios, sem permitir que suas próprias motivações aflorem. Deste modo, torna-se vulnerável, subordinado diante de sua própria escolha.

A questão que então se coloca é a de saber o que exatamente se deseja com a submissão; se trata-se apenas de um amor por ela ou de algo mais complexo. Seria preciso delimitar melhor como uma sobrevivência insubmissa seria possível e se os termos pelos quais ela obtém sua garantia são precisamente os que demandam ou instituem a subordinação. Nestas circunstâncias, a sujeição seria o efeito paradoxal de um regime de poder no qual as próprias condições de existência, a possibilidade mesma de continuar a ser socialmente reconhecido, requerem a formação e a manutenção da subjetividade sob a condição de submissão. (PEIXOTO JÚNIOR, 2003, p. 6-7).

Este modelo de sujeição busca incessantemente ser reconhecido socialmente e em função deste desejo, abre mão do que lhe é próprio. Ficando o ator representando um papel que não apresenta a realidade do que é, mas a fantasia do que quer apresentar ao outro. O que fica evidente é o jogo sádico e masoquista apresentado por estes dois personagens - de um lado o sádico que dá a ordem, e do outro o masoquista que obedece. Esta dualidade, o contraste entre passividade e atividade, segundo Freud (1996a), tem um lugar destacado no campo das perversões, sendo características bases da vida sexual universal. Entretanto, ganhou relevância não somente no campo sexual conforme a perspectiva inicial de Freud<sup>15</sup>, mas também no palco subjetivo da atualidade. Enquanto que no ato sexual o prazer é obtido pelo provocar dor ou pelo sentir dor, no campo subjetivo o gozo vem através deste mesmo sentimento, só que a dor provocada ou sentida não é mais fisiológica.

---

<sup>15</sup> “O conceito de sadismo oscila, na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta para com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos. Num sentido estrito, somente este último caso extremo merece o nome de perversão. De maneira similar, designação de ‘masoquismo’ abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual”. (FREUD, 1996a, p. 98).

Deste modo as perversões ganham uma nova roupagem na contemporaneidade, na qual o sádico manipula a subjetividade do masoquista como se fosse um objeto que lhe concede o prazer, e o masoquista, ao subjugar-se aos desejos perversos do sádico, também obtém o seu prazer, mesmo que para obter este prazer dependa das suas construções subjetivas.

Esta realidade não deve ser encarada como uma normalidade e sim como uma patologia que necessita de intervenções seguras que deem suporte ao simulador para que este seja capaz de verificar o seu mundo fantasioso, de maneira que tenha condições de retornar ao princípio da realidade.

#### 4.4.2 REDES SOCIAIS DE INTERNET, UM DOS CENÁRIOS DO SIMULACRO

Um dos espaços que mais tem se destacado como cenário do espetáculo são as Redes Sociais de *Internet* (RSI), por meio das quais virtualmente as pessoas vivenciam o simulacro. Para que haja um maior esclarecimento sobre esta realidade é importante destacar, primeiramente, alguns aspectos históricos relevantes.

Os meios de comunicação, ou mídia, ao longo da história têm-se tornado indispensáveis para a compreensão da sociedade contemporânea, pois é através destes avanços tecnológicos que foram articulados o telefone, o televisor e o computador, originando uma “nova máquina da comunicação, interativa, fundada nas proezas do tratamento digital”. (BANDINELLI; NEUTZLING; GUARESCHI, 2010, p. 1523). É importante mencionar que, no contexto tecnológico, o que se destacou nas últimas décadas foram as RSI. Retomando a sua trajetória, é válido pontuar que a primeira rede de computadores interligados do mundo foi criada por militares americanos, em 1969, para ser utilizada na troca de informações no período da Guerra Fria. Posteriormente, não somente o nome da rede mudou para *Internet*, como também sua função, passando a comunicar, interligar e informar pessoas em todo o mundo. Assim, a *internet* cresce aceleradamente, sendo na atualidade o meio de comunicação mais utilizado mundialmente. (MORAES; PILATTI; SCANDELARI, 2005).

No cenário brasileiro, Benakouche (1997) aponta que o uso da *internet* expandiu-se inicialmente devido medidas comandadas pelo próprio poder público das telecomunicações. Assim, esta iniciativa é datada de cerca de 38 anos atrás. É

importante mencionar que na época este setor buscava apenas superar o enorme atraso em que se encontravam os serviços de telecomunicações nacionais, atendendo a duas grandes finalidades: a ordem estratégico-militar, uma vez que neste contexto se aspirava à segurança nacional; e as motivações de ordem econômica, partilhadas, sobretudo, pela ala nacionalista do governo, que sonhava com um Brasil potente. Destarte, as inovações tecnológicas eram vistas pelos representantes como oportunidades para o desenvolvimento da indústria local de telecomunicações, bem como uma oportunidade para a criação de uma estrutura nacional de Pesquisa e Desenvolvimento. Neste sentido, Aguiar (2007) já havia afirmado em 2006 que no cenário brasileiro as Redes Sociais de *Internet* (RSI), desde 1990, despertaram interesses meramente acadêmicos, por meio dos quais se investigava como emergiram as novas formas associativas e organizativas da resistência à ditadura militar, as formas de redemocratização, o novo contexto da economia globalizada e questões voltadas para o desenvolvimento sustentável. Mas a década de 90 foi marcada pelo temor, um grande risco, o medo das pessoas assumirem sua real identidade em determinadas situações e circunstâncias, preocupação esta que, na atualidade, se dissipou, tornando-se uma prática quase que natural.

As RSI são frutos da própria dinâmica social criadora, instituída e inserida na sociedade contemporânea, não somente um instrumento de elaboração, armazenamento e transmissão de informação. Benakouche (1997) ainda aponta a rapidez como o traço mais evocado para caracterizar a expansão da *Internet* e, por extensão, as transformações que seu uso vem causando nas práticas sociais contemporâneas. Este recurso é utilizado com as mais diversas finalidades por pessoas do mundo inteiro. Viana (2010) apontou o número de usuários no Brasil, México e Espanha, destacando que no Brasil os usuários de *internet* são (36%) da população, já no México 63% e na Espanha 56% de pessoas usando esta ferramenta. Dentre as faixas etárias que mais se destacaram foi 64% dos usuários de RSI estão entre as idades de 26 a 50, com uma idade média de 34 anos. Esta percentagem é mais elevada em Espanha, onde 76 % faz uso. Quanto ao gênero que se destaca, na Espanha e México o uso de redes sociais é maior entre homens e no Brasil o gênero feminino se destaca. Conforme esta pesquisa, usuários de RSI utilizam-na com a finalidade principal de manter contato com familiares e amigos.

Em segundo lugar encontra-se a utilização da *internet* para fins de trabalho e jornais, e terceira a leitura e revistas.

Quanto aos hábitos dos *internautas* os dos espanhóis diferem em vários fatores aos hábitos dos brasileiros e mexicanos, especialmente os relacionados à multiplicidade de acesso à *Internet*. Na Espanha se utiliza mais para fins de trabalho, formação, informação, comércio e entretenimento. No México, 52% dos entrevistados evidenciaram interesse em manter relacionamentos virtuais com pessoas de outras línguas, culturas e países e 49% dos brasileiros mostraram a mesma característica intercultural mediada pela *internet*.

Enquanto as organizações sociais da *Internet* virtuais avançam também aceleram os seus passos para a fase de semântica, aonde tudo e todos irão se reunir de maneira mais objetiva e integrada. Nesta fase, temos que observar as mudanças de pessoas próximas e fortalecer a comunicação entre diferentes povos, principalmente a colaboração e a criação coletiva. (VIANA, 2010, p.33).<sup>16</sup>

Essa interação social virtualizada, que atravessa fronteiras, tão defendida pela globalização vigente, ao mesmo tempo em que aproxima diferentes povos, distancia pais e filhos, cônjuges, irmãos e amigos. Os relacionamentos interpessoais estão se tornando cada vez mais escassos e vazios. Não há mais tempo para se desenvolver relacionamentos reais, não se faz mais rodas de conversas presenciais, não se almoça mais junto, não se sai mais para um passeio em família, pois tudo gira em torno da “rede” e caso não se esteja dentro dos padrões estabelecidos por ela, se é taxado de cafona ou “desconectado”, mesmo que esta escolha represente o afastamento do mundo fantasioso no usufruto do direito de preservação da própria identidade, ou simplesmente tomada a fim de se resguardar dos relacionamentos coletivizados.

A vivência em rede, então, tece a direção que o usuário deve seguir. Viana (2010) advoga que o ciberespaço como lugar de interação social é um espaço paralelo em que são evidenciados novos sentimentos de convívio, interesses comuns, afinidades, incorporando regras específicas de etiquetas, favorecendo desta feita a integração entre pessoas de diferentes culturas e países diferentes. O

---

<sup>16</sup> “*Mientras Internet avanza con organizaciones sociales virtuales también acelera sus pasos para la fase semántica donde todo y todos estarán reunidos de forma más objetiva e integrada. En la fase actual nos toca observar los cambios que ya acercan personas y refuerzan la comunicación entre distintos pueblos, principalmente la colaboración y la creación colectivas*”. (VIANA, 2010, p. 33).

que é de certa forma acordado por Aguiar (2007, p.2), ao mencionar que tais relações “são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização”. E é neste contexto, que este mesmo autor caracteriza as principais formas de redes e seus respectivos usuários, tais como: os usuários das redes sociais informais – que mantêm suas relações entre familiares, comunidades, amigos, trabalho, estudo, militância entre outros, atendendo as demandas das subjetividades, das necessidades e das identidades momentâneas; a outra constituição é a forma intencional – que pode ser promovida individualmente ou de forma grupal, desde que tenham poder de liderança, articulando outras pessoas a objetivos, projetos e interesse comuns, representando assim, associações, movimentos, comunidades, empresas entre outros; um terceiro elemento são as RSI multimodais ou plurais, formadas por pessoas e atores sociais; e, por fim, as redes organizacionais ou interorganizacionais nas quais seus participantes operam apenas em nível institucional. Deste modo, Tomaél, Alcará e Di Chiara (2005), afirmam que é o próprio ser humano quem propaga a expansão da rede e o seu delineamento, pois é ele quem se agrupa e estabelece relações com seus semelhantes, dentro da sua conjuntura social.

Todo este progresso midiático tornou-se então, uma ferramenta indispensável na vida do ser humano. Entretanto, apesar de inovador e indispensável, tem proporcionado mudanças significativas na vida do indivíduo, especialmente nos novos parâmetros culturais e estéticos inovadores (RODELLA, 2005), trazendo como resultado a ficção, a fantasia, a performance. Barton (2008, p. 80) menciona que este ambiente é estabelecido por meio de uma força física da intenção promulgada como uma reivindicação denominada por ele com “*in-between*” (expressão que poderíamos compreender como “em cima do muro”) do estabelecido, dos usos convencionais e entendimentos de espaço, tempo e atenção. É um espaço múltiplo, fragmentário, de interrupção simultânea, luxação, ambiguidade; ainda que para os que estão presos ao espaço de cultura midiática, provavelmente não seja visto como um espaço de desorientação ou ambivalência. Muito pelo contrário, é visto como um espaço “*mystory*” (minha história), sendo considerado como íntimo.

Uma intimidade teoricamente performativa é um em que os critérios básicos identificam-se através de várias definições de intimidade — uma vontade de se auto divulgar; atenção completa, positiva e mútua; abertura ao contato físico e conexão; entendimento compartilhado — é valorizado e perseguido fora do contexto dos contratos estendidos de estéticos, corporativos ou emocionais. É uma intimidade que baseia a desvalorização — até mesmo a rejeição — de fictícia, temática e previsibilidade organizacional e de familiaridade. (BARTON, 2008, p. 82).<sup>17</sup>

O perigo está em que, mesmo se buscando relações de intimidade, a intermídia é um espaço onde relações íntimas são impossíveis, pois diferentemente das relações presenciais, não contam com continuidade, consistência, duração e clareza comunicativa e confiança. (BARTON, 2008). Rosso (2003) aponta que o uso desta ferramenta exerce modificações positivas e negativas na vida do *internauta*, sendo que as transformações positivas podem amplificar os relacionamentos interpessoais, e, contrariamente, as negativas podem desencadear inúmeras patologias ao indivíduo. Nesta direção, Moraes, Pilatti e Scandelari (2005, p. 2456) alertam que, apesar dos grandes benefícios gerados pela *internet*, é necessário que o usuário deste instrumento esteja atento quanto aos possíveis perigos que o seu mau uso pode fomentar; portanto, efeitos colaterais do uso excessivo deste meio de comunicação social podem gerar o distanciamento das relações humanas reais, além de atingir outros contextos nos quais o indivíduo está inserido, afirmando que o uso abusivo das RSI está promovendo “uma categoria de pessoas solitárias” que buscam refúgio nessa rede, “perdendo o interesse pelos afazeres e prazeres do mundo real”, e conseqüentemente gerando problemas conjugais, sociais, físicos e declínio da produtividade no trabalho.

Estes problemas desencadeados pelas RSI são gerados pela própria velocidade de alcance. Bauman (2008) menciona que esta velocidade pode ser comparada a um vírus que contagia a sociedade com uma velocidade extrema, em que os infectados partilham informações pessoais mediados pelo espírito frenético da coletividade.

Uma vez que finquem seus pés numa escola ou numa comunidade, seja ela física ou eletrônica, os *sites* de ‘rede social’ se espalham à velocidade de uma ‘infecção virulenta ao extremo’. Com muita rapidez, deixaram de ser

---

<sup>17</sup> “A theoretically performative intimacy is one in which the basic criteria identified across multiple definitions of intimacy—a willingness to self-disclose; full, positive, and mutual attention; openness to physical contact and connection; shared understanding—is valued and pursued outside the context of extended aesthetic, corporate, or emotional contracts. It is an intimacy predicated on the devaluation—even rejection—of fictional, thematic, and organizational predictability and familiarity”. (BARTON, 2008, p.82).

apenas uma opção entre muitas para se tornarem o endereço *default* de um número crescente de jovens, homens e mulheres. Obviamente, os inventores e promotores das redes eletrônicas tocaram uma corda sensível – ou num nervo exposto e tenso que há muito esperava o tipo certo de estímulo. Eles podem ter motivos para se vangloriar de terem satisfeito uma necessidade real, generalizada e urgente. E qual seria ela? ‘No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais’. Os usuários ficam felizes por ‘revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais’, ‘fornecerem informações precisas’ e ‘compartilharem fotografias’. (BAUMAN, 2008, p. 8).

O interessante é que os inventores das RSI, ao alcançarem seu objetivo, desprezaram o real pelo imaginário. Neste cenário, ninguém mais sofre, pois a felicidade é exposta através de imagens, mesmo que elas sejam falseadas. Goffman (2002), um dos sociólogos mais importantes do século XX, identificou neste cenário a existência de uma espécie de Dramaturgia Social na qual o indivíduo vive em constante simulacro, desempenhando papéis muitas vezes cômicos, mas dignos dos aplausos sociais. Essa dramaturgia seria a representação teatral, na qual o *self*<sup>18</sup> é apresentado socialmente pelo usuário das RSI como um simples *script* a ser seguido metodicamente, abdicando-o de qualquer crítica ou renúncia.

Na senda da perspectiva deste sociólogo, em uma leitura mais recente, Araújo e Costa (2014, p. 35) mencionam que “a interação social assemelha-se a uma encenação, podendo tomar rumos diversos, de acordo com roteiros preestabelecidos e socialmente partilhados”. Deste modo, o indivíduo atua de maneira dramática e discursiva através de suas máscaras, podendo até ele mesmo convencer-se ou não da própria atuação.

Neste ambiente virtual no qual a atuação torna-se cada vez mais comum é possível criar avatares, falsos perfis, uma personalidade irreal. Na verdade, o que mais assusta é que dificilmente se apresenta a real personalidade - o que de certa forma pode se tornar preocupante por não se verificar a realidade por trás dos bastidores destes ambientes, nos quais as pessoas convivem com múltiplos contatos e os usuários podem gerenciar informações particulares, da forma que lhes convier. Entretanto, “parece ser bastante complexo ter um nível tão grande de controle e organização para acompanhar as mudanças da interface e manter o grande número de ‘amigos’ vendo apenas o que se deseja mostrar para cada um”.

---

<sup>18</sup> “Pode ser compreendido como aquilo que define a pessoa em sua individualidade e subjetividade, isto é, sua essência. (...) Além de representar um componente psicológico responsável pela escolha e performance desses papéis (encenações) e cuja existência só se materializaria no exercício deles”. (ARAÚJO; COSTA, 2014, p. 36, 43).

(LIMA BRANDÃO, 2013, p. 2). Nesse espaço virtual, é o próprio usuário quem define sua situação apresentando o *self* que deseja que as pessoas vejam, omitindo ou apresentando informações a um público por ele selecionado. Nos palcos do ciberespaço se representa o que quer, para um público seletivo, e assim os relacionamentos tornam-se mais e mais frios, enfraquecidos, pois o que importa é desenvolver a arte da representação. (LIMA BRANDÃO, 2013).

As redes sociais são palcos onde o ator está constantemente monitorado pelas várias equipes das quais faz parte. Neste ambiente não é possível considerar apenas uma definição de situação ou agir como se o indivíduo estivesse sempre no palco ou sempre nos bastidores. As redes sociais podem criar novos laços, possibilitam conhecer pessoas de outros países, mas também podem oferecer provas de traição para o término de casamentos, enfraquecer amizades e abalar a confiança em um funcionário. (LIMA BRANDÃO, 2013, p. 11).

Em meio a este caos Bauman (2008) tece sua crítica a esta forma de relação pontuando que os relacionamentos sociais virtuais estão substituindo os reais, e a consequência disto é a perda da habilidade e capacidade de socialização. Assim, a cultura consumista exhibe sua imagem, buscando incessantemente um falso *status*, cultivando uma identidade imprópria e assumindo novas configurações mercadológicas instituídas pelas próprias demandas sociais, e faz com que a identidade se torne mera mercadoria em constante busca pelo seu próprio eu. Outra crítica muito pertinente vem de Santaella (2013) ao mencionar que as mudanças provocadas pelo processo digital (*internet*) em todos os campos sociais seriam “verdadeiros abalos sísmicos” em todos os ambientes em que circulam, especialmente na economia, política, cultura e arte. Desta forma, ela pontua:

Saber o que fazemos com as redes sociais digitais não é tão importante quanto saber o que as redes estão fazendo conosco. O que estão fazendo com a nossa subjetividade e sociabilidade, com a nossa memória, com as nossas expectativas, anseios e desejos, o que estão fazendo com nossos modos de receber informação, de nos darmos conta dos fatos, de adquirir conhecimento, de perceber e representar o mundo, enfim, o que estão fazendo com os nossos processos de aprendizagem e, possivelmente, com as nossas maneiras de ensinar e educar. (SANTAELLA, 2013, p. 34).

Mais do que uma simples reflexão sobre de que maneira se utiliza esta ferramenta, faz-se necessário compreender o que ela está fazendo com os seus usuários, pois no ciberespaço as identidades não são simplesmente transformadas, mas possibilitam que os internautas se reinventem, brinquem de ser alguém, joguem

patologicamente até o extremo de transmutar, e metamorfosear sua real identidade. Assim, são manipulados como se fossem marionetes, transformando suas subjetividades de forma passiva, isolada e silenciosa, para uma subjetividade ativa. O usuário das RSI cria, então, uma identidade digital na qual assume várias identidades e vivencia os mais diversos papéis, fantasiosos, imaginativos, narrativos e fictícios, passando naturalmente a conviver com presença digital de pessoas, afastando-se da importância do convívio presencial. (SANTAELLA, 2013).

Alimentando esse desconhecimento, encontram-se as miragens do ego unificado. É por isso que, quando se critica a multiplicação das bolhas identitárias, na realidade, o que fica falsamente presumido é a separação nítida entre uma realidade, fora do ciberespaço, habitada por sujeitos unos e a realidade simulada do ciberespaço, na qual proliferam identidades múltiplas. Ora, uma tal separação só pode ser sustentada sobre a ignorância de rupturas das tradicionais noções de sujeito, subjetividade e identidade, que datam de mais de um século. (SANTAELLA, 2013, p. 40).

Esta escritora menciona ainda que mediante estes novos tipos de relacionamentos digitais os laços mais observados são fragilizados, tênues, fracos, e raramente os laços fortes são estreitados. “O modo como interagimos na vida *online* e *off-line* é bastante diferente”, diz ela. Os laços cultivados na vida *online* tendem a se desfazer e refazer a todos os instantes, enquanto que os relacionamentos fortes são mais saudáveis e duradouros. (SANTAELLA, 2013, p. 44). O mesmo é pontuado por Viana (2010), que considera que, sendo as RSI responsáveis por inúmeras mudanças instantâneas, os seus usuários correm o risco de criar uma identidade arte digital, ou até mesmo assumirem várias identidades ou funções irreais no exercício da fantasia, imaginação ou novos tipos de narrativa e ficção, passando a assumir uma identidade meramente digital sem se dar conta da realidade, habituando-se à realidade falseada e as exigências que não são semelhantes à coexistência convencional. Desta forma, a identidade digital impossibilita o indivíduo de ter atitudes simples, como, por exemplo, tomar um café pessoalmente com uma pessoa, pois a impossibilidade de se chegar a ir para um café quando um tem uma lista de contatos e três mil pessoas em diferentes partes do planeta demandando atenção torna esta simples atitude impossível. E seguindo este mesmo pensamento, Goffman (2002), que anteriormente já propunha uma Dramaturgia Social nas RSI mencionando o constante simulacro da interação virtual face a face, menciona que

neste espaço apenas se mantém relacionamentos de sociabilidade, deixando a interação social real adormecida ou até mesmo esquecida.

É notável a influência destes instrumentos (Redes Sociais de *Internet*) nos processos de subjetivação, segundo a visão de Guattari (1992), por serem nesses ambientes onde se aplicam as práticas sociais; assim, tais ferramentas estão operando no que ele denomina como núcleo da subjetividade humana, falseando ou dando um novo sentido à subjetividade. A mesma conclusão é encontrada por Araújo e Costa (2014) quando mencionam que as RSI influenciam e transformam notavelmente os processos subjetivos, de maneira que os usuários dessas redes se tornam dependentes das relações teatrais exacerbadas nesse contexto. A dificuldade é que, ao sair deste cenário e se deparar com a realidade, o internauta tende a enfrentar sérias dificuldades em assumir o seu real papel. Deste modo, ao vivenciar estas duas proposições o indivíduo não tem como desenvolver uma subjetividade genuína e singular, uma vez que fica desprovido da autonomia para desempenhar os seus próprios papéis, buscando formas subjetivas coletivizadas.

Esta subjetividade socializada (intersubjetividade) faz parte das configurações na contemporaneidade, na qual o indivíduo busca novas representações comunicadas com o outro, de maneira que o que lhe é próprio perde o valor. Carrera (2012) menciona que a representação de um *ethos* nas RSI estaria estritamente vinculada ao consumo, apelando para a materialização propulsora de significantes satisfatórios. Assim, o objeto adquirido traz consigo significantes sociais comunicados entre os atores deste cenário subjetivo compartilhado.

Os sujeitos muitas vezes buscam a sua posição social a partir da crítica à situação vigente e, conseqüentemente, a partir da criação de outra que transforme a estrutura dos sentidos. Desse modo, o desvio é também uma forma de distinção, uma vez que se vale do mesmo sistema, mas o subjetiviza, não pelo desconhecimento, mas pelo desejo da questão desafiadora. (CARRERA, 2012, p.153-154).

O que chama a atenção nesta leitura não é simplesmente o compartilhamento de experiências superficiais através de objetos adquiridos, mas negociação da subjetividade, como se esta fosse desprovida de valor, direcionando a maior importância a imagem representativa. Assim “o papel da plateia para o sucesso da representação é essencial”, pois é ela própria quem torna legítima a “imagem construída, do *ethos* desejado”. (CARRERA, 2012, p.157). Neste sentido,

os comentários postados ao público no *facebook*, por exemplo, são o que validará ou não a fachada<sup>19</sup> ali exibida pelo ator. Assim, a figura do outro é essencial, uma vez que é ele quem proporciona a legitimação da imagem construída neste contexto em que o indivíduo existe de maneira colaborativa. Deste modo, mediante o posicionamento do outro, o ator das RSI exercita suas características e práticas costumeiras almejadas. Entretanto, sem a participação do interlocutor, tanto a identidade quanto os papéis representados não se tornam válidos nesta forma de interação. (CARRERA, 2012).

Carrera (2012) menciona ainda que no desempenho teatral o ator aprova ou não o conteúdo postado pela plateia, curtindo ou excluindo os comentários, bloqueando outros, preservando assim a sua “fachada”, uma vez que corre o risco de sua “representação” ser desmascarada pela própria plateia, preservando o que deseja mostrar de si. O que está em xeque é a probabilidade de ocorrer uma “assincronia” na comunicação das RSI, além da promoção de “complexidades tanto na construção do *self* quanto na manutenção da fachada”. (CARRERA, 2012, p.158).

Fazer uso de dispositivos como o Instagram, portanto, e, além disso, tornar públicas as suas fotos em *sites* de redes sociais, são formas de reafirmar a construção da subjetividade como uma prática social, na qual a colaboração do outro não só a influencia como é determinante para a sua existência. No entanto, mais do que determinado pelo olhar do outro, o *self* está em constante interação também com objetos e artefatos tecnológicos que ajudam a guiar as suas opções identitárias, em um eterno embate entre apropriação e reapropriação; entre obedecer a sua lógica funcional e propor, através deles, novos caminhos. (CARRERA, 2012, p.162).

Neste espaço virtual em que os aplausos da plateia são tão necessários para se sentir alguém, o ator segue navegando, perseguindo o sucesso que só o outro lhe pode conceder. Assim, em busca pelo brilho concedido pela plateia, o seu brilho mais profundo, real, palpável, importante é esmaecido.

#### 4.5 CULTURA DO ESPETÁCULO E O NASCISISMO

---

<sup>19</sup> Este termo foi empregado por Goffman (2002, p. 29) para designar “um equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

Dada a fabulação da identidade forjada pelo usuário para corresponder a um anseio de aprovação social, não é raro notar a presença de uma conduta narcisista, ao que Primo (2009) esclarece que, de cultura para cultura, a conduta narcisista do usuário, o seu comportamento narcísico, sofre variações, uma vez que cada cultura evidencia sua singularidade e subjetividade de caráter diferente.

O termo narcisismo refere-se à pessoa que se preocupa apenas consigo mesma. Conforme o olhar psicanalítico, o indivíduo narcisista ama, vislumbra, fica fascinado pela própria imagem. (GOBBI, 2008). Seria uma espécie de amor próprio fora do comum. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Para que haja uma melhor compreensão, torna-se necessário voltar à mitologia grega de Narciso. Segundo Roudinesco e Plon (1998), Narciso era filho do deus rio Céfiso e da ninfa Liríope. Ele era um rapaz de singular beleza. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que teria vida longa, porém, que jamais deveria contemplar a própria beleza. Estes mesmos autores relatam que Narciso atraiu o desejo de mais de uma ninfa, entre elas Eco, a quem repeliu. Eco desesperada, adoeceu devido ao desprezo dele e implorou a Nêmesis, deusa da vingança e da ética, que a vingasse. Nêmesis ouviu-a e causou um forte calor em Narciso durante uma caçada. Então, ele fez uma pausa junto a uma fonte de águas claras; ao abaixar-se para saciar sua sede, viu o seu rosto refletido junto à fonte, e fascinado por sua beleza refletida, supôs ver outro ser; e paralisado, não conseguiu mais desviar os olhos do seu próprio rosto. Apaixonado por si mesmo, Narciso mergulhou os braços nas águas para abraçar aquela imagem que não parava de se esquivar. Torturado por esse desejo impossível, chorou e acabou por perceber que ele mesmo era o objeto de seu amor. Deste modo, quis então separar-se da própria pessoa, ferindo-se até sangrar, antes de despedir-se da própria imagem refletida sobre as águas e morrer. Após a morte, Narciso foi transformado em uma flor que recebeu o seu nome.

Este mito clarifica bem a síndrome do Narciso apresentada pela cultura atual, na qual o indivíduo imerso em uma sociedade extremamente competitiva busca incessantemente o direito de espaço. Neste contexto, o que tem predominado é quem é, ou pelo menos quem aparenta ser; como almeja aparentar ser bem sucedido, entra em conflito do indivíduo consigo mesmo tentando de qualquer maneira atingir “as metas idealizadas pela família, pela sociedade, pela cultura e por si próprio, as quais podem ultrapassar as suas inevitáveis limitações.” (ZIMERMAN,

2000, p. 25). É justamente aí que a sociedade contemporânea, ao valorizar mais o que o indivíduo tem ou aparenta ter/ser, conduz a pessoa a um falso eu, encaminhando-o ao falseamento da identidade, e por vezes comunicando os mais diversificados comportamentos frente a esta realidade:

O prejuízo nas capacidades de admitir limites, limitações, as inevitáveis diferenças com os demais, a finitude da vida, além de que as capacidades para pensar, aprender, ter tolerância e o amor pelas verdades ficam respectivamente substituídas pela onipotência, onisciência, prepotência e a indiscriminação entre o que é verdadeiro e o que é falso. (ZIMERMAN, 2000, p. 25).

O narcisismo tem uma grande importância na constituição do eu, pois é um estágio normal que todo o ser humano perpassa, sendo indispensável para o desenvolvimento do indivíduo. Entretanto, pode ser considerado saudável quando a pessoa se delonga ou estagna neste estágio do desenvolvimento. Uma vez transportado para fases posteriores,<sup>20</sup> é considerado como uma “fixação no narcisismo”, podendo futuramente direcionar o indivíduo a algum tipo de patologia. (MENDES; VIANA; BARA, 2014, p. 426).

---

<sup>20</sup> Conforme Zimerman (1999, p. 93-95) as fases psicosssexuais do desenvolvimento apontadas pela psicanálise são: a Fase Oral – que se dá no primeiro ano de vida do bebê - é a primeira etapa da organização da libido, onde a zona erógena principal é a boca; a Fase Anal – geralmente ocorre no segundo e terceiro ano de vida da criança – a libido direciona-se as mucosas excretórias de expulsão e retenção - é nesta fase “que a criança desenvolve sentimentos sádicos e masoquistas, a ambivalência; “as noções de ‘poder’ e de ‘propriedade privada’, a rivalidade e competição com os demais”, assim como passa a reconhecer as dicotomias; a Fase Fálica – “a terceira etapa pré-genital do desenvolvimento psicosssexual – também é descrita na literatura psicanalítica mais recente com a denominação de ‘fase edípica’. É nesta fase que acontece a masturbação – a obtenção do prazer direciona-se as zonas erógenas e também a curiosidade sexual que leva a criança a fazer os mais variados questionamentos; o Complexo de Édipo – quando a criança evidencia desejos amorosos e hostis em relação a um dos pais – a passagem por este processo representa um papel organizador de uma personalidade neurótica saudável; o Período de Latência – ocorre geralmente após os seis anos de vida – aqui a criança apresenta como características principais a repressão da sua sexualidade, onde evidencia uma “amnésia relativa às experiências anteriores” e o “reforço das aquisições do ego”. Tais características conduzem o indivíduo a sublimar suas pulsões e outras atividades socialmente aceitas; a Puberdade e Adolescência – quando acontece a maturação sexual’, as transformações fisiológicas, psicológicas e a busca pela própria identidade. Cabe ressaltar que é na fase oral que o bebê inicia seu narcisismo primário, abandonando a ilusão de onipotência infantil que funciona sob o princípio de prazer; começa, então, a adentrar no princípio de realidade, aprendendo a reconhecer o outro como saciador de suas necessidades fisiológicas, e por conseguinte, a si mesmo como separado deste Outro; percebe que não são seus desejos alucinatórios que realizam seus desejos, mas um Outro, localizado no exterior de si; e para alcançar este outro, necessita lançar-se de si mesmo, num chamado: surge o choro como prenúncio da linguagem. Sendo assim, todos os indivíduos no início de seu processo de maturação psíquica passam por uma fase de onipotência que se segue a uma fase de narcisismo (primário e secundário); nesta fase a libido dirige-se ao ego, que começa a se identificar, o que anuncia a constituição da subjetividade. Mas ao fixar-se na fase narcísica surge a patologia (assim como qualquer fixação pronunciada pode resultar em funcionamentos ou mesmo em estruturas de personalidade psicopatológicas.

É importante fazer referência que determinado nível de narcisismo é saudável, uma vez que o amor próprio é essencial para o ser humano; entretanto, ao se tornar excessivo, pode representar um alto custo, tanto para o indivíduo narcisista quanto para as pessoas que com ele convivem. Assim, pela constante luta psíquica de manutenção da identidade falseada, bem como a busca pelo reconhecimento de terceiros, o indivíduo narcisista se depara com as patologias do vazio que são manifestas através de diversas sintomatologias, entre elas: “psicoses, psicopatias, perversões, drogadições, transtornos de caráter e conduta.” (ZIMERMAN, 2000, p. 25). O indivíduo narcisista então é cerceado por essa configuração patológica e, contido por sua própria personalidade, cria um novo eu e domina o outro sem maiores dificuldades. Viana (2010), ao fazer referência sobre midiatização narcisista, diz que esta não tem apenas promovido um *self* somente como performance, mas os transformados em atos performáticos. A partir desta nova construção, os indivíduos midiatizados atuam nos mais diversificados sentidos do termo, agindo sobre a percepção do outro e efetuando mudanças que julgam necessárias. Outra inversão preocupante é que necessariamente não se tem tratado somente o *self* como espetáculo, mas o espetáculo como o *self*.<sup>21</sup>

Neste contexto, fica notória a busca incessante do narcisista pelos aplausos, pois em seu psiquismo ele deve ser glorificado por tudo e todos como o próprio espetáculo. Aqui o indivíduo narcísico volta seu olhar para si, contempla-se, admira-se e não consegue mais direcionar o seu olhar ao outro, pois ele acredita que ele é o ser grandioso, digno de toda a forma de aclamação. Deste modo, Birman (2009) menciona que a subjetividade construída a partir de uma sociedade/cultura narcisista é incapacitada de prestar qualquer tipo de admiração ao outro, pois a impossibilidade de descentralização de si torna-se remota. Na perspectiva deste psicanalista, a principal característica deste indivíduo seria o espetáculo de si mesmo.

Referindo sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do seu próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o

---

<sup>21</sup> "However, I would further contend that mediatized narcissism promotes an understanding of the self as not only performing but as performative — as 'acting' in multiple senses of the term, including the idea of acting upon, doing work, effecting change. Ultimately, I would propose, mediatized narcissism is not only the treatment of the self as spectacle. It is also—and more significantly—the treatment of spectacle as the self". (BARTON, 2008, p.70).

outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade. Dessa maneira, o sujeito vive permanentemente em um registro espetacular, em que o que lhe interessa é o engrandecimento grotesco da própria imagem. O outro lhe serve apenas como instrumento para o incremento da auto-imagem, podendo ser eliminado como um dejetivo quando não mais servir para essa função abjeta. (BIRMAN, 2009, p. 25).

A partir deste prisma fica evidente que o narcisista despoja-se de qualquer interesse ou valoração do outro. O outro lhe serve apenas como suporte para a realização dos desejos, podendo ser descartado a qualquer momento, desde que lhe convenha. Este tipo de comportamento tem enfraquecido as relações; Birman (2009) pontua que as relações inter-humanas estão assumindo traços totalmente agonísticos, e isto se dá não de uma forma saudável, mas sim perturbadora. Assim, não se compartilham mais projetos sociais, por exemplo, restando pactos subjetivos nos quais se busca extrair o gozo através de outrem, não importando o preço que se tenha que pagar. (BIRMAN, 2009).

Esta enaltação do eu, a busca pelo brilho social, são características marcantes da sociedade contemporânea. Além do autocentramento exaltado na atualidade e apresentado “sob a forma da estetização da existência”, o que importa para a individualidade é a “exaltação gloriosa do próprio eu”, tornando-se por vezes “ridículo”; esta é a vivência *kitsch*<sup>22</sup> na qual se vive em uma correria constante pela ascensão e enaltecimento social, pelo gozo de ser ou de simplesmente representar um papel social, desde que seja reconhecido por alguém. Neste contexto, a mídia desempenha um papel fundamental para uma exaltação forjada de uma autoimagem por parte do indivíduo: “Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica”. (BIRMAN, 2009, p. 166-167). Assim, a sociedade contemporânea já não se cultiva mais a imagem fidedigna, autêntica, verdadeira, mas o que esteticamente lhe parecer bem aos olhos, mesmo que falseado.

O autocentramento se evidencia no registro sexual, nas formas corriqueiras pelas quais o indivíduo realiza a predação do corpo do outro. Por meio da predação, o sujeito apreende também a estetização do seu eu por um viés, polindo seu brilho pelo cultivo infinito da admiração do outro. Constitui-se aqui a manipulação do outro como técnica de existência para a individualidade, maneira privilegiada para a exaltação de si mesmo. Com efeito, para o sujeito não importam mais os afetos, mas a tomada do outro

---

<sup>22</sup> Birman (2009) usa o termo alemão “*kitsch*” para mensurar o ato distorcido ou exagerado de tal indivíduo que é capaz de qualquer coisa para alcançar o status, o brilho social.

como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece e glorifica. (BIRMAN, 2009, p. 167).

Como já mencionado anteriormente, o gozo do narcisista está em ser enaltecido e aclamado pelo outro. Esta síndrome é supervalorizada pela sociedade do espetáculo, pois o discurso falseado do narcísico no cenário do espetáculo é “ser e parecer”. Assim, o indivíduo interpreta papéis socialmente aceitos, e deste modo, subvertido narcisicamente, tem dificuldades em distinguir o falso do verdadeiro, a cópia do original, esquecendo-se da interioridade e investindo na exterioridade. O que permite com que ele se transforme “numa máscara, para a exterioridade, para a exibição fascinante e para a captura do outro”. (BIRMAN, 2009, p.189). A pessoa que vivencia o autocentramento na atual conjuntura perde o seu valor para a cultura, dando espaço ao indivíduo “fora-de-si”, as formas perversas são supervalorizados socialmente. (BIRMAN, 2009, p. 171).

O sujeito fora-de-si não se confunde mais, de maneira absoluta, com a concepção de alienação mental, tal como estabelecido pelo discurso psiquiátrico na aurora do século XIX. Isto porque o fora-de-si agora se identifica com a exterioridade da performance teatral, enfeitado que é o cenário da existência pelas lantejoulas e coturnos que evidenciam o autocentramento da subjetividade. Se antes o sujeito fora-de-si era representado de maneira absolutamente negativa – identificado apenas com a psicose e a perda da razão, do eu e da interioridade –, agora é em parte concebido de maneira positiva, já que pelo autocentramento se dedica sem parar ao polimento de sua existência. Dedicar-se a sedução e ao fascínio do outro, pela mediação capturante das imagens exibidas na cena social. (BIRMAN, 2009, p. 189-190).

Em meio ao cenário do espetáculo, no qual as imagens purpurinadas estão debaixo dos holofotes, surge a psicanálise como figura algoz desta realidade, contrapondo-se à cultura do narcisismo e do espetáculo, propondo que o indivíduo rompa com o eixo narcísico do seu eu, o que seria extremamente saudável. A pessoa, ao vivenciar esta realidade (eixo narcísico do eu), é confrontada por trilhas projetadas pela cultura do espetáculo e da performance. A ruptura deste eixo, apesar de complexa, devido as amarras narcísicas dificultarem este procedimento, deve ser digna de busca, pois somente através deste processo psicanalítico o indivíduo pode ser conduzido ao “encontro do insondável com seu desejo”. (BIRMAN, 2009, p. 170).

Em meio a cultura do espetáculo que supervaloriza a teatralização do falso eu, ainda é possível ao menos se pensar e defender um ego saudável e próprio.

Neste contexto caótico, ainda se é possível ser quem se é sem ter a preocupação constante de agradar o outro ou de ser aclamado pelos aplausos da sociedade da contemplação do espetáculo.

#### 4.6 CULTURA DO ESPETÁCULO E O CONSUMO COMPULSIVO

Como já foi visto no tópico anterior, o narcisista vive em constante busca pela contemplação e admiração do outro, forjando sua identidade. Ele precisa ser considerado grandioso pelo olhar do outro; este desejo muitas vezes se manifesta impulsivamente, de maneira que se torna capaz de tomar as mais diversas atitudes, representar os mais variados papéis, com a finalidade única de ser aplaudido pela plateia do espetáculo cultural.

Pensando em impulsividade, Jaspers (1985) define tais atos como os fenômenos que não são ou não podem ser contidos ou controlados pelo indivíduo. O indivíduo dominado pela ação impulsiva sente-se incapaz de resistir aos impulsos ou tentações de realização, mesmo que não esteja planejado ou que possibilite possíveis perigos, tanto para o outro, quanto para si.

Os atos impulsivos e compulsivos são fenômenos comportamentais produzidos pela própria alteração da vontade humana, tendo como característica a “precipitação e incapacidade de resistir à insatisfação do impulso”. Mesmo tendo consciência de que é correto tomar uma atitude diferente, o indivíduo é capaz de decidir-se contrariamente, sem elaborar qualquer tipo de planejamento, sem refletir sobre as consequências futuras. Já a compulsividade é caracterizada pela natureza opressiva que compele e constrange o indivíduo a realizar um ato repetitivo e estereotipado. (TAVARES, 2000, p.13). O que é acordado por Del-Bem (2005, p. 28), ao afirmar que a compulsividade pode ser expressa de várias maneiras, indo desde a incapacidade de planejamento do futuro, com o “favorecimento de escolhas que proporcionem satisfação imediata e sem levar em conta as consequências para si e para os outros, até a ocorrência de comportamento violento ou agressivo”.

Um dos ambientes onde a compulsão tem circulado à vontade é no cenário das RSI, como antes mencionado, no qual o *internauta* demonstra uma intensa dificuldade de autocontrole. Young (2011) aponta a dificuldade do indivíduo em

controlar seus impulsos nestes ambientes, sendo conduzido ao uso excessivo da *Internet*, podendo se tornar um dependente. Como consequência, podem advir os mesmos danos proporcionados por outras formas de dependência. Dentre eles, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5 (DSM-5, 2014) aponta os transtornos que podem estar diretamente relacionados à impulsividade e compulsividade, tais como:

O Transtorno de Personalidade *Borderline* – no qual o indivíduo apresenta um padrão de instabilidade nas relações interpessoais, na autoimagem e nos afetos com impulsividade acentuada; Transtorno de Personalidade Antissocial – no qual é apresentado um padrão difuso de desconsideração e violação de direitos de outrem proporcionando um alto grau de impulsividade; Transtorno obsessivo-compulsivo – é um transtorno mental caracterizado pela presença de obsessões como pensamentos, impulsos ou imagens indesejáveis e involuntários e compulsões; Compulsões – podendo apresentar-se através de atos físicos ou mentais; Transtornos relacionados como o distorção corporal – que representa a preocupação excessiva com a aparência física; a tricotilomania – em que o indivíduo apresenta o comportamento de arrancar cabelos acentuadamente; Transtorno de Escoriação (*Skin-picking*) – comportamento de beliscar compulsivamente a própria pele; em alguns Transtornos Alimentares como a Anorexia Nervosa – na qual a pessoa preocupa-se exageradamente com o peso corporal, sendo acometida pela distorção da própria imagem, se enxergando sempre obesa, podendo exagerar na atividade física, jejuar, vomitar, usar compulsivamente laxantes e diuréticos; na Bulimia Nervosa - caracterizada pela ingestão recorrente e incontrolável de grandes quantidades calóricas, culminando na indução de vômitos, uso de laxativos e diuréticos, jejum prolongado e prática exaustiva de atividade física, cuja finalidade é evitar o ganho de peso; o Transtorno de Compulsão Alimentar – no qual o indivíduo ingere calorias em excesso, podendo estar relacionado à obesidade; ainda no Transtorno Explosivo Intermitente – no qual o indivíduo demonstra comportamentos explosivos recorrentes representando em uma falha de controle dos seus impulsos agressivos; na Cleptomania – no qual a pessoa é incapaz de resistir aos impulsos de roubar objetos desnecessários; na Piromania – obsessão por fogo; a dependência virtual de *role playing-games* – que se dá entre vários jogadores *online*, onde a pessoa cria uma personalidade virtual, o avatar (BLINKA; SMAHEL, 2011); e a dependência de jogos de azar na *internet* – atividade popular desenvolvida em

diversas culturas, justamente pela acessibilidade que conduz o internauta a jogar cerca de 24 horas compulsivamente. (GRIFFITHS, 2011).

Todas estas configurações psicopatológicas podem se manifestar diretamente no indivíduo que é guiado pelo fascínio da impulsividade e compulsão. Entretanto, o olhar que norteia este capítulo direciona-se a compulsividade pelo consumo. Em “Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria”, Bauman (2008) resalta uma característica marcante da sociedade contemporânea: a sua transformação e reducionismo em produtos mercadológicos, marcas de sua vendabilidade. Assim, na sociedade de consumidores há um afastamento do sujeito que defende sua subjetividade para vir a ser uma simples mercadoria projetada por um idealismo que é defendido economicamente pelo mercado do consumo.

Desta maneira, o próprio mercado seleciona os consumidores que lhes são atraentes, escolhendo aqueles julgados aptos e autorizados a atuar neste contexto de acordo com as necessidades que o mercado impõe e fazendo com que eles sigam compulsivamente as tendências atuais, cada vez mais modelados a adquirir produtos mais modernos. Mediante esta realidade, os consumidores-mercadorias se autopromovem, expondo a si mesmo como produtos, como vitrines móveis, para que desta forma não sejam vistos como mercadorias ultrapassadas; além do que, a vivência individual e social está fundamentada no presente, no instante e nas mais variadas intensidades e imediatividade, regida pela sociedade contemporânea do que ele denominou de “agora”. Assim, esta transformação do próprio consumidor em mercadoria é fluida, e este busca incessantemente a satisfação pessoal através de produtos que, de fato, jamais satisfarão as suas necessidades, especialmente no que diz respeito aos aspectos emocionais; assim, este indivíduo passa cada vez mais a consumir indiscriminadamente, embora nunca chegue à satisfação. Esta realidade faz com que o consumidor líquido-moderno seja mobilizado, e ao mesmo tempo alienado pelo sistema capitalista, conduzido à associação de que sua felicidade e satisfação imediata devem ser estruturadas através da compra, descartando e substituindo produtos rapidamente através do processo de manipulação que parte do próprio consumismo capitalista. Então, consome exacerbadamente, sendo atraído pelas compras compulsivas num processo que não tem fim. (BAUMAN, 2008). Como situam Adorno e Horkheimer:

Os consumidores são os trabalhadores e empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

O consumidor segue então os parâmetros ditados pela produção capitalista e pela sociedade do consumo, sem se dar conta desta realidade. Bauman (2008) menciona que a cultura do consumo existente se formula na passagem de uma sociedade de produtores para uma de consumidores. Ele aponta que a subjetividade dos consumidores é manifesta quando o sujeito assume suas opções de compra. Por isso, na sociedade líquido-moderna na qual o consumismo é notavelmente exacerbado, o consumidor passa a adquirir produtos que satisfaçam as suas necessidades momentâneas, e estas perpassam as suas reais necessidades; desta feita, transformam-se a si mesmos em mercadoria, pois ao serem estimulados ao consumo impulsivo em adquirir artefatos momentâneos os descartam e os substituem na mesma proporção em que os adquirem; assim, o que é de fato necessário é descartado e o supérfluo usual o escraviza. A compulsão por compras conduz o indivíduo a ofertas mais abundantes e irresistíveis que o concedem a oportunidade de renascer constantemente, de modo que o ato de consumir se torna significativamente mais que um ato em si, torna-se um investimento na avaliação social pessoal, o que, numa sociedade de consumidores, traduz-se em vendabilidade. Além do que o espírito capitalista imperante na contemporaneidade, “inflama a busca pelo prazer individual através do consumo dos objetos”. (BUCIANO; MOREIRA, 2012, p. 84).

Em uma leitura recente, Santos (2012) menciona que na sociedade da comunicação ou cultura em que impera o capitalismo e se supervaloriza o material e os bens de consumo, tanto consumidores desprovidos do acesso aos bens quanto os que consistem em mercadoria são impactados subjetivamente. Nesse itinerário, Adorno e Horkheimer (1985) já haviam alertado que os consumidores são reduzidos a um simples material estatístico, distribuídos em mapas de pesquisas em zonas vermelhas, verdes e azuis, perdendo de fato a sua essência tão significativa. Estes autores ainda mencionam que todo o planejamento de consumo é fomentado pela indústria cultural, entretanto, é subsidiado pela própria sociedade performática, vista por eles como defeituosa no âmbito racional.

Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. (...) a violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica, que desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho, quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho. (...) cada manifestação da indústria cultural reproduz as pessoas tais como as modelou a indústria em seu todo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 104-105).

Adorno e Horkheimer (1985, p. 115) pontuam ainda que a indústria cultural permanece prometendo aos consumidores a diversão, e estes, por serem mediados pela diversão, são logrados por ela quando assinam “a promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação”. Assim, o consumidor seduzido pelo deleite ofertado, vivencia o enredo prescrito pela indústria cultural como um simples ator deste espetáculo, deixando de exercer a sua real identidade. Destarte, a indústria cultural torna-se cada vez mais forte, implacavelmente desafiada a satisfazer as necessidades desses consumidores que permitem ser manipulados por ela, e prossegue produzindo, dirigindo, disciplinando, suspendendo ou concedendo a diversão do consumidor quando julgar necessário, pois é ela quem dita a ordem do dia. Desta forma, as datas capitalistas como o dia das mães, dia dos pais, natal, páscoa, entre outras, trazem uma proposta de certa forma perversa de manipulação do indivíduo. Neste contexto, o “divertir-se” ganha um novo significado: concordar. Por isso, quando o indivíduo persuadido por essa indústria, busca o isolamento do processo social em sua totalidade, torna-se um idiota que abandonou princípios para ele significativos.

Divertir significa sempre: não se ter e pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga, mas não, como afirma, uma fuga da realidade ruim, mas da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir. A liberação prometida pela diversão é a liberação do pensamento como negação. O descaramento da pergunta retórica: “mas o que é que as pessoas querem?” consiste em dirigir-se às pessoas como a sujeitos pensantes quando sua missão específica é desacostuma-las da subjetividade. Mesmo quando o público se rebela contra a indústria cultural, essa rebelião é o resultado lógico do desamparo para o qual ela própria educou. Todavia, tornou-se cada vez mais difícil persuadir as pessoas a colaborar. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 119).

Os autores seguem sua reflexão afirmando que mesmo a indústria cultural ao fazer poucas promessas, sem explicações concretas sobre o sentido da vida, difunde uma ideologia esvaziada e sem sentido. Desta forma, ela alcança seu

objetivo de coagir, dominar os instintos revolucionários, exercitar o indivíduo a vivenciar uma vida autorizada pelo seu poderio, tornando-se nulo, derrotado, acrítico, desprovido de respeito por si mesmo; então, a publicidade na indústria cultural triunfa subjugando o consumidor compulsivo aos seus próprios desejos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Segundo Campos e Souza (2003), o campo social desde muito cedo tem sido emoldurado por esta cultura na qual crianças e adolescentes trazem experiências cuja roupagem é totalmente centrada no consumo.

Nos dias de hoje, há cada vez mais a preponderância dos processos de consumo, fazendo com que os sujeitos sejam levados a identificar-se com coisas e objetos que os levam a diferenciar-se dos demais, como também a discriminar e hierarquizar grupos sociais. (CAMPOS; SOUZA, 2003, p. 15).

Estas mesmas autoras advogam que a promessa mercadológica é o “ideal de igualdade e liberdade”, o que significa que um grupo seletivo pode consumir e outro grupo é excluído; no entanto, o discurso reforçado pela mídia apregoa a igualdade dos consumidores. Seduzido por este discurso, o consumidor - criança, adolescente, jovem ou adulto - se vê como colecionador, expositor, e ao ser capturado, consome produtos considerados inovadores, mas logo se dá conta do desvalor do objeto tão desejado. (CAMPOS; SOUZA, 2003, p. 15). Nesta mesma direção, Bauman (1999) pontua que:

A indústria atual funciona cada vez mais para a produção de atrações e tentações. E é da natureza das atrações tentar e seduzir apenas quando acenam daquela distância que chamamos de futuro, uma vez que a tentação não pode sobreviver muito tempo à rendição do tentado, assim como o desejo nunca sobrevive a sua satisfação. (BAUMAN, 1999, p. 86).

Na perspectiva deste mesmo autor, o fim do desejo pelo consumo pode ser considerado o mais sinistro dos horrores, tanto para os negociadores quanto para o consumidor ideal. E para que os produtos continuem escoando sem dificuldades os consumidores não podem cansar-se, ao contrário, devem estar sempre acordados, alertas, expostos as mais diversas tentações, e ao mesmo tempo demonstrar um sentimento ambíguo, a suspeita perpétua e insatisfação contínua. Entretanto, para que esta realidade aconteça, torna-se necessário que o consumidor se permita ser seduzido ou não, decisão esta que compete somente a ele próprio. (BAUMAN, 1999).

Diante desta situação, na qual o consumidor se torna o produto a ser avaliado pela sociedade do consumo, o consumidor esmera-se em apresentar-se como tal, e segue sendo visto como a própria mercadoria: como membro da sociedade líquido-moderna, propaga-se como mercadorias sem se dar conta desta realidade. Tal processo apresenta-se em constante movimento: sendo que a característica mais apresentada pela cultura consumista – “ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta” – é a própria transformação em mercadoria, ou sua “dissolução no mar de mercadorias”. (BAUMAN, 2008, p. 20). Os consumidores, então, seguem em exposição, como mercadorias, e na verdade, aspiram ser famosos, comentados, desejados por muitos como nos sonhos e contos de fadas. “Se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada”. (BAUMAN, 2008, p. 22). Neste cenário, a identidade profissional é englobada pela busca desenfreada por se tornar uma mercadoria perfeita, servindo mesmo a este propósito:

O mercado de trabalho é um dos muitos mercados de produtos em que se inscrevem as vidas dos indivíduos; o preço de mercado da mão-de-obra é apenas um dos muitos que precisam ser acompanhados, observados e calculados nas atividades da vida individual. Mas em todos os mercados valem as mesmas regras. Primeira: o destino final de toda mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores. Segunda: os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos. Terceira: o preço que o potencial consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias em oferta dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses desejos. (BAUMAN, 2008, p. 18).

Os consumidores então são incentivados a buscar um estilo de vida consumista, pois neste tipo de sociedade todos precisam, devem e têm que ser consumidores vocacionados. Dessa forma, o consumidor verá e tratará o consumo como um ato de vocação, realizando um investimento pessoal, alcançando assim, o seu objetivo de consumir, pois o que se torna importante na cultura consumista é manter o sucesso, sendo sempre o destaque. Assim, o consumidor é levado a fazer uma aliança com as “marcas” da sociedade líquido-moderna, entretanto é notável que tais marcas são sufocadas pelo novo, mantém uma volatilidade repentina. Instigados pela concretização dos seus ardentes desejos dentro de uma subjetividade fetichista, os sujeitos reinventam a sua própria subjetividade a fim de se destacar junto à sociedade do consumo. (BAUMAN, 2008).

O perigo de se tornar um mero produto vendável na vitrine social, está em negociar a sua identidade e subjetividade, constituições próprias que deveriam ser inegociáveis. Entretanto, Bauman (2008, p. 24) aponta que na sociedade dos consumidores a subjetividade compra e vende os símbolos empregados na construção da identidade. Assim, o dono da subjetividade concede a opção de compras aos seus potenciais compradores, e sua descrição é transformada em uma simples lista de compras; supostamente a verdade material do *self* interior se torna, de fato, “a idealização de traços materiais ‘objetificados’ da escolha do consumidor”. Este mesmo autor aponta o ideal de felicidade do consumidor contemporâneo da seguinte forma:

Marcas, logos e grifes são os termos da *linguagem do reconhecimento*. O que se espera que seja e, como regra, deve ser "reconhecido" com a ajuda de grifes e logos é o que foi discutido nos últimos anos sob o nome de *identidade*. A operação acima descrita está por trás da preocupação com a "identidade" a que foi concedida tal centralidade em nossa sociedade de consumidores. Mostrar "caráter" e ter uma "identidade" reconhecida, assim como descobrir e obter os meios de assegurar a realização desses propósitos inter-relacionados, tornam-se preocupações centrais na busca de uma vida feliz. (BAUMAN, 2009, p. 20).

A negociação do consumidor, então, estaria diretamente ligada à compulsão por produtos, que segundo a hipnose social o conduziria a uma dimensão maior de felicidade. Tais promessas certamente mentirosas são apontadas por Bauman (2008, p.20, 24) ao trazer o exemplo dos quadros pintados por Don Slater que retratam consumidores patetas, idiotas culturais, considerados como ‘heróis da modernidade’. Isto porque são dominados, atraídos, seduzidos por promessas fraudulentas, e não conseguem despojar-se delas, pois a sua capacidade pensante encontra-se encapsulada, de maneira que o indivíduo torna-se irracional, com declínio autonômico, não sabendo mais definir-se ou se auto afirmar, submetendo-se aos desejos irresistíveis do consumismo como mero objeto de consumo escolhido para gastar sem necessariamente necessitar de determinado objeto. Assim, em meio este emaranhado o indivíduo mais do que consumidor vira mercadoria, o que é preocupante, pois seu campo subjetivo torna-se inseguro, uma vez que ele próprio exige de si mesmo um esforço maior, uma imagem aparente de que é uma mercadoria atraente e vendável. Desta forma, “a ‘subjetividade’ dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores; sua descrição adquire a forma de uma lista de compras”.

Mais do que uma simples realização de compra pela *internet* está a diminuição dos relacionamentos pessoais presenciais. Este sociólogo pontua que na atualidade tem sido muito costumeiras as trocas de produtos pela *internet*, onde o consumidor não mais admira, não toca o produto que deseja, simplesmente porque este ambiente não lhe permite estas sensações, e assim o relacionamento social esfria-se notadamente.

Claramente, as pessoas que recorrem às agências da *internet* em busca de ajuda foram mimadas pelo mercado de consumo, amigável ao usuário, que promete tornar toda escolha segura e qualquer transação única e sem compromisso, um ato 'sem custos ocultos', 'nada mais a pagar, nunca, 'sem amarras', 'nenhum agente para ligar'. O efeito colateral (é possível se dizer, usando uma expressão que está na moda, 'a baixa colateral') dessa existência mimada – minimizando os riscos, reduzindo bastante ou abolindo a responsabilidade e, portanto produzindo uma subjetividade dos protagonistas neutralizada *a priori* – revelou-se, contudo, um volume considerável de 'desabilitação' social.<sup>23</sup> (BAUMAN, 2008, p. 23).

Neste sentido, Bauman (2008, p.28) afirma que as agências de compras pela *internet* estimulam o consumidor a sentir-se constrangido com relacionamentos pessoais. O preparo já instaurado no consumidor em compras presenciais é desarticulado pelos agenciadores, permitindo com que este deixe de examinar, visualizar, tocar a mercadoria que deseja adquirir, e ao deparar-se face a face perdem a naturalidade de negociar, simplesmente porque são considerados como objetos cartesianos "totalmente dóceis, matérias obedientes a serem manejadas, moldadas e colocadas em bom uso pelo onipotente sujeito". Desta forma, torna-se notável a individualidade frente ao consumo, pois o indivíduo não tem um contato aproximado de um vendedor, além de buscar por menos estresse, como por exemplo, no trânsito; seu olhar se torna mais intrínseco, deixando de olhar nos olhos de um vendedor. "Agora, na era dos *desktops*, *laptops*, dispositivos eletrônicos e celulares que cabem na palma da mão, a maioria de nós tem uma quantidade mais do que suficiente de areia para enterrar a cabeça". Enterrar a cabeça na areia é escolha da vez, pois através de um simples olhar, ou *click* se é capaz de negociar, excluir, incluir, compartilhar, descartar, o que presencialmente nem sempre se é capaz de fazer.

---

<sup>23</sup> Em inglês, *deskilling* – processo pelo qual a mão-de-obra especializada é eliminada pela introdução de tecnologias operadas por trabalhadores semiquilificados ou sem qualificação. (BAUMAN, 2008, p. 23).

Vale pensar que o indivíduo motivado pela compulsão, sempre em busca de satisfações imediatas, preocupa-se em rapidamente descartar seus objetos, sendo tendencioso a descartar também seus relacionamentos com a mesma simplicidade com que o faz com qualquer objeto. Assim da mesma forma que ele consome, ele descarta compulsivamente.

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir. (BAUMAN, 2008, p. 31).

Mais do que uma simples escolha por produtos a serem consumidos, a sociedade está estabelecendo relacionamentos como meros objetos de consumo, substituindo e rejeitando seus parceiros como um simples produto descartável, e este jogo é preocupante, pois cada vez mais os relacionamentos tornam-se líquidos e a sociedade do consumo mais adoecida. (BAUMAN, 2008).

Os caminhos da compulsão podem conduzir o indivíduo a uma trilha sem volta, dependendo da opção que o indivíduo escolher: ser conduzido pela espetacular sociedade do consumo, tornando-se uma “mercadoria vendável” e rapidamente cair em desuso, ou o decidir-se por viver sua real identidade e subjetividade, mesmo que não receba os aplausos ou que se torne para a cultura do consumo um “produto utrapassado”.

#### 4.8 AS FORMAS CULTURAIS DE ADOECIMENTO

Para se compreender melhor as formas culturais de adoecimento, faz-se necessário mencionar antes o modelo estrutural do psiquismo formulado por Freud na segunda teoria do aparelho psíquico. A partir desta teoria, o pai da psicanálise apresentou três instâncias atuantes no psiquismo humano: O Id, o Ego e o Superego.

O Id ou isso – constitui o polo pulsional da personalidade. Os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, por um lado

hereditários e inatos e, por outro, recalcados e adquiridos. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 219); o Ego ou eu – do ponto de vista tópico o ego está numa relação de dependência tanto para com as reivindicações do id, como para com os imperativos do superego e exigências da realidade. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 124); Superego ou supereu – o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 497).

O id é um sistema original da personalidade, de onde derivam o ego e o superego. Ele opera sobre o princípio do prazer<sup>24</sup> e é considerado como tomando parte do processo primário<sup>25</sup>; já o Ego, que deriva do id, é sua porção organizada e obedece ao princípio da realidade e ao processo secundário<sup>26</sup>, buscando integrar as demandas do id com os conflitos ocasionados pelos impedimentos postos pela realidade e as interdições do superego, adiando a realização de prazer e instituindo uma tolerância à frustração ocasionada pela não realização imediata das pulsões; já o Superego surge a partir da vivência simbólica do complexo de Édipo e a internalização das instâncias morais e judicativas vigentes na sociedade, antes projetadas nos pais e nas figuras de autoridade. Por meio da internalização dessa instância, o superego decide moralmente os destinos adequados das pulsões, buscando sua congruência com as leis morais, sendo uma espécie de juiz introjetado no psiquismo. Em meio a este funcionamento, o superego instaura sentimentos de culpa e de vergonha caso o ego não aja em conformidade com as leis por ele instituídas. Dentre as suas principais atribuições estão: a inibição das pulsões do Id, especialmente as de natureza agressiva e sexual, e a instauração de objetivos moralistas no ego, substituindo os exclusivamente realistas para incorporar os ideais de perfectibilidade postos moralmente pela sociedade.

Compreender este funcionamento importa porque ele não vige somente no psiquismo do indivíduo, mas pode nortear um funcionamento social no qual os

---

<sup>24</sup> Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 364) o Princípio do Prazer é um dos princípios que rege o funcionamento mental, cuja atividade psíquica concentra-se em “evitar o desprazer e proporcionar o prazer”. Tal princípio busca a satisfação imediata pela redução à excitação interna.

<sup>25</sup> O processo primário é um modo característico do inconsciente, onde o bebê alucina, por ser a maneira mais curta de satisfação do desejo, embora não seja considerado a melhor forma. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). É através deste processo que a energia pulsional escoar livremente tendendo a descarga imediata e total e atinge as representações de acordo com os mecanismos de condensação e deslocamento. (ZIMERMAN, 2001).

<sup>26</sup> O processo secundário é o modo que caracteriza o sistema pré-consciente-consciente. Este processo busca impedir a ação sob processo primário. É justamente por meio deste processo que o pensamento experimenta diferentes destinos para a satisfação. “A energia começa por estar ‘ligada’, antes de escoar de forma controlada; as representações são investidas de maneira mais estável, a satisfação é adiada, permitindo assim experiências mentais que põe a prova os diferentes caminhos possíveis de satisfação”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 371).

indivíduos estão imersos. Cabe aqui uma reflexão se nesta acepção se pode situar a cultura ocidental, especialmente a brasileira, como tomando parte em um funcionamento social Idípico<sup>27</sup>, sob a regência do princípio do prazer que detém a seu serviço a energia pulsional, buscando a livre e imediata satisfação; nestes moldes, o indivíduo é impelido a realizar os seus desejos sem ter que defrontar-se com grandes impedimentos; vale dizer que este funcionamento se contrapõe frontalmente com o instituído pelo princípio de realidade, tido como o princípio regulador que exige que o indivíduo adie a sua satisfação para o momento considerado mais oportuno, desviando a plena satisfação pulsional para objetos socialmente e moralmente mais aceitáveis. Ao longo da vida e em todas as circunstâncias há um embate entre o funcionamento instituído pelo princípio de prazer e pelo princípio de realidade (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001), mas o que se percebe no funcionamento da contemporaneidade brasileira é a diminuição gradativa da tensão necessária para a exigência da regulação do prazer e instituição de uma tolerância à frustração ocasionada pelo adiamento das pulsões egoístas, agressivas e imediatas do sujeito; isto faz com que as reações dos indivíduos sejam menos sujeitas ao sancionamento superegóico e mais propensas à realização imediata das pulsões, pelo fato da própria sociedade brasileira não ser muito castradora. Os motivos para tanto poderiam ser listados na investigação da própria história do país e das imigrações que o compuseram, mas esta fugiria dos propósitos desta investigação.

Assim, cabe aqui inferir, a partir de um funcionamento social mais ou menos repressor, a hipótese de que os padrões de normatização sociais, aliados aos ideais e regras vigentes nos superegos dos pais, e que são introjetados no psiquismo compondo o superego, tornaria os indivíduos mais propensos a tipos distintos de psicopatologias. Se assim for acatado e diante do exposto pela consideração da visão de mundo da sociedade brasileira, caberia delimitar sua diferença com relação a uma configuração psíquico-social distinta. Para tanto, uma forma expressiva de adoecimento que atualmente chama a atenção é o fenômeno psicopatológico que tem acometido muitos jovens japoneses: o *hikikomori*.

Diferentemente da configuração psíquica dos ocidentais, os japoneses são influenciados por fatores transgeracionais que atuam como valores morais

---

<sup>27</sup> Organizada pelo id, e não pelo ego.

concernentes a questões relacionadas à ética, os ideais, os próprios preconceitos e crenças que são conduzidos pelos ditames culturais e que incidem na formação do superego. A primeira diferença encontrada no oriental é a ausência da noção de indivíduo; se hoje se fala em individualidade no Japão, trata-se de uma mudança muito recente e abrupta, oriunda das transformações advindas do pós-guerra devido a imposição das potências ocidentais para que o Japão se transformasse numa sociedade democrática capitalista; (SUWA; SUZUKI, 2013; KATSUMATA, 2011). A sociedade japonesa sempre se comportou de modo coletivo, e este é o motivo pelo qual o jovem contemporâneo se sente massacrado pelo peso dos olhares (julgadores) da sociedade. Como protótipo da sociedade, a família japonesa se centra em um funcionamento baseado na dádiva, ou seja, nas ações que são oriundas de uma manifestação de apreço pessoal. Para dar conta das dádivas recebidas, os filhos se sentem em dívida e moldam suas ações de modo a fazer com que correspondam às expectativas dos pais. Uma demonstração típica de apreço, na família japonesa, se nos mostra na ideia de que a família é para sempre – e de fato as cerimônias de honra aos antepassados mostram este anseio de retribuição dadivosa que persiste além morte -, e isso faz com que os pais criem os filhos para serem felizes, sentindo que o papel paterno pressupõe o apoio constante, mesmo que silencioso e ausente de alardes. Dada a dificuldade dos pais prepararem os filhos para uma vida de independência, quando estes falham na conquista de independência os pais se sentem na obrigação de cuidar dos filhos. As falhas, antes de serem propositais e lidadas com tranquilidade pelos jovens, são penosamente sentidas: frente a um desafio (acadêmico ou relacionada ao trabalho) o qual o jovem sente que não é capaz, ou frente ao qual fracassou e não corresponde às exigências sociais, o jovem se pune, sentindo-se um fracassado.(REES, 2002). Ora, como a parcela de recalçamento social das pulsões é, para os japoneses, muito ativa e castradora, pode-se dizer que a pessoa inserida neste contexto de criação é conduzida pelo superego. Neste aspecto, mesmo na ausência de cobranças externas e no silêncio da aceitação dadivosa dos pais, os filhos podem se sentir cobrados e punidos: a sociedade judicativa e punitiva está introjetada em seu psiquismo, e este superego terrífico é sempre vigilante e mordaz. Todas vivências repassadas de uma geração para outra, mesmo que inconscientemente, são geradoras de culpa e pressão exagerada do psiquismo, o que por certo conduz o

indivíduo a patologias severas, como os quadros melancólicos e obsessivos graves, entre outras. (ZIMERMAN, 1999).

Na diferença da cultura oriental japonesa, pode-se identificar que a cultura ocidental brasileira é direcionada pelo o ego ideal, que, segundo Zimerman (1999), é herdeiro do narcisismo primário<sup>28</sup> e funciona no plano imaginário, no qual o indivíduo fantasia e ilude-se como um ser onipotente, ponderando o mesmo valor e significado ao *ter* e ao *ser*. Deste modo, a pessoa em cujo psiquismo predomina o ego ideal sempre espera muito de si mesmo, cultivando ideais inatingíveis, e porque mantém identificações narcísicas primárias, constitui uma identidade imitativa e falseada, distanciada do ego real. Assim, o indivíduo motivado pelo prisma da fantasia se utiliza da renegação<sup>29</sup>, cultivando o sentimento de humilhação no enfrentamento das frustrações. “O ego ideal é conjugado no presente indicativo: ‘Eu sou assim...’, o que indica que transitoriamente no desenvolvimento emocional primitivo ele pode ser estruturante”. (ZIMERMAN, 1999, p. 84).

Já na cultura oriental, o que mais se destaca é o Ideal do Ego, uma configuração herdeira do ego ideal, no qual o sujeito é guiado por um ideal de subjetividade que se utiliza da autoconfiança oriunda daquela etapa em que o olhar da mãe ao bebê fornecia-lhe a sensação de onipotência e de ser amado (e que instituía um ego ideal no bebê). O indivíduo que vivencia o modelo estrutural psíquico do Ideal do Ego vive em prol das expectativas projetadas nele pelos pais. O Ideal do Ego é considerado saudável no movimento de identificação parental desde que não se estenda permanentemente e interrompa a construção do *self* real, conduzindo o indivíduo ao falso *self*, no intuito de persistentemente almejar satisfazer os desejos dos outros. Enquanto que no ego ideal o sentimento que predomina é a humilhação por não ser aquilo que se julga, no ideal do ego a vergonha é o sentimento reinante no sujeito que se defronta com algum tipo de fracasso.

---

<sup>28</sup> “Narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 290).

<sup>29</sup> De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 128) é um mecanismo de defesa primitivo, alicerçado pela onipotência mágica, utilizado pelo ego para rejeitar a determinada vivência e a “tomada de conhecimento de tais experiências emocionais ansiogênicas”. A Renegação tem menor gravidade ao ser comparado com a forclusão psicótica, por apresentar-se “mais parcial e estar encapsulada em uma só parte do ego”. Este mecanismo foi descrito por Freud como *Verleugnung*, cujo significado é renegação, denegação, recusa, desestima, desmentida. É característico em estruturas perversas, pois através deste mecanismo, o indivíduo nega verdades por ele conhecidas, reforçando uma falsa crença.

E é justamente esta fixação ao ideal do ego que a sociedade oriental japonesa elucida e que instaura um fenômeno psicopatológico que, após ser identificado no Japão, foi reconhecido também em outros países que partilham do funcionamento superegóico da sociedade. (KATSUMATA, 2012). Desta feita, surge uma nova categoria psicopatológica, os *hikikomori*<sup>30</sup>, que compartilham sintomatologias diversas: baixa autoestima, por se considerarem insuficientes, mesmo que ninguém os questione; apresentam ansiedade frente a desempenhos que visam a competição social (acadêmica/laboral), ansiedade social, depressão, alguns apresentam sintomas semelhantes ao pânico, e na na maioria do tempo se sentem agredidos; sendo assim, isolam-se em seu quarto, não se comunicam com ninguém, nem mesmo a família, e não procuram ajuda. Os pais, com sua atitude respeitosa do silêncio do filho, geralmente não confrontam e aguardam o momento passar, mas ele não passa: ao contrário, se intensifica. Com o passar do tempo, escondem o sofrimento do filho para que nem ele nem a família seja julgada pelos vizinhos, amigos e parentes. É cada vez maior o número de adolescentes, jovens e até mesmo adultos na sociedade japonesa que se tornam *hikikomori*, o que geralmente se dá após vivenciarem uma situação de fracasso perante a qual se sentem derrotados e indignos, e se isolam porque se veem impossibilitados de manter um relacionamento com o outro. (REES, 2002). É importante notar que na atualidade a mediação dos relacionamentos sociais dos jovens japoneses se utiliza de jogos e máquinas eletrônicas, ocasiões estas atravessadas por uma noção de individualidade historicamente recente, construída por ideologias mercadológicas; com isso, os relacionamentos sociais se tornam distanciados, falsificados e até mesmo irrealis, fazendo com que os indivíduos à parte destas relações fabricadas se vejam sós com suas pulsões, e dada a rigidez das condutas superegóicas da sociedade, voltem a agressividade para si mesmos, ao invés de para o outro. (KATSUMATA, 2012; SUWA; SUZUKI, 2013).

As principais características deste problema sócio psicológico, o *hikikomori*, são: *fobia social* – quando o indivíduo busca o isolamento social, deixando de sair de casa, trancando-se em seu quarto, deixando de realizar atividades rotineiras, de

---

<sup>30</sup> *Hikikomori* significa ‘retirada’ – é um termo japonês que descreve jovens ocidentais que se retiram do convívio social, vivendo em isolamento por 6 meses ou mais, além de se recusarem a trabalhar e estudar. O problema tem se desenvolvido nos últimos 30 anos, e os números de casos estimados giram em torno de centenas de milhares, podendo chegar até de 1,2 milhões, sendo sua maior incidência em homens. (KATSUMATA, 2012; SUWA; SUZUKI, 2013).

dialogar com os pais; apresentam apatia estudantil que os leva ao abandono dos estudos, postergando a incursão ao trabalho; *narcisismo/desordem de personalidade de evasão*; *parasite singles* (parasita solteiro) – termo que designa o jovem depende financeiramente dos pais, direcionando a renda própria para desfrutar de uma vida de luxo. O *hikikomori* é uma doença psicológica grave, que por vezes envolve a automutilação e tentativa de suicídio. (KATSUMATA, 2012).

Como o intuito de apresentar esta psicopatologia em voga no Japão é justamente apontar para a idiosincrasia dos fenômenos psicopatológicos que surgem de acordo com as visões de mundo típicas de determinadas culturas, a fim de fomentar o entendimento de seu *modus operandi*, é preciso compreender o funcionamento social e, especialmente, a psicodinâmica familiar típica da sociedade japonesa. Diferentemente dos pais ocidentais que em sua maioria não têm dificuldade de demonstrar afeto por seus filhos preparando-os e ensinando-os a serem independentes, e muitas vezes até mesmo exigindo a independência dos mesmos, os pais japoneses acreditam que o afeto é demonstrado através da preocupação, por toda a vida, para com os filhos. Sendo assim, proporcionar uma vida confortável, sacrificar-se, fazer tudo o que puderem e servir aos filhos com todas as condições materiais é considerado uma mostra da sua afeição. Esta ideologia dádívosa, aliada da dificuldade de externalizar os descontentamentos, e o sentimento constante dos filhos de que estão em dívida com os pais, devendo, portanto compensá-los e retribuir seu cuidado e dedicação, foi que deu origem ao fenômeno *hikikomori*, estendendo-se na sociedade japonesa a ponto de criar “um viveiro para o parasita solteiro ou *hikikomori*”. (KATSUMATA, 2012, p. 4). Este prolongamento da juventude até os trinta anos, provavelmente depende do próprio estímulo dos pais que acolhem os filhos ao longo da vida.

Os pais ocidentais apresentam características muito diferenciadas quando comparados aos pais orientais. Katsumata (2012) sinaliza que as diferenças em termo de criação são visíveis, como os pais *double bind*<sup>31</sup> norte-americanos, capazes de mostrar afeição através da linguagem que utilizam com seus filhos, distanciando-se friamente deles quando necessário; já os pais japoneses *double bind* invertem esses valores, especialmente nas famílias de *hikikomori*, mimando

---

<sup>31</sup> Termo que alude ao dilema existente entre informações conflituosas entre os membros.

demasiadamente os seus filhos, concedendo um espaço excessivo para o sofrimento calado dos mesmos por não confrontá-los ou conversar sobre o assunto.

Enquanto os orientais japoneses são cercados pela solidão, buscando pautar sua vida por meio de imagens ideais que correspondam às expectativas do outro, preservando, assim, o falseamento da imagem real ao “esvaziar o copo” constantemente, na cultura ocidental o indivíduo se sente compelido a “encher mais o copo”, encher até a borda, até transbordar - a sociedade vive em uma competitividade constante em meio à qual o indivíduo é superestimulado a não ter colaboradores, mas a viver na solidão performática, mesmo que intelectual. Como a sociedade ocidental não tem tanta consideração pelos mandamentos do superego, tal como a sociedade japonesa o têm, não produzirá *hikikomoris*, mas patologias associadas à busca incessante pela satisfação pessoal, tendo como lema: viva o Id! - produto resultante de uma única civilização globalizada e capitalista; mas apesar deste compartilhamento, faz-se necessário dizer que cada cultura experienciará formas de adoecimentos específicos.

A cultura brasileira dirige a agressividade, a euforia e a intensidade dos traços extrovertidos e sexualizados para o âmbito exterior. Por isso, pode-se falar numa incidência maior de organizações histriônicas, narcisistas e sociopatas em nossa sociedade, enquanto que nas sociedades mais socialmente castradoras a tendência sintomática é a do isolamento (depressão, fobia social, ansiedade generalizada, entre outras).

A partir destas novas configurações surgem as mais diversificadas patologias, como no ocidente, tangido pela busca da satisfação imediata, na qual o indivíduo não gasta tempo na reflexão e nem exterioriza de fato quem é, partindo para a atuação nas mais diversas formas: o narcisismo, a drogadição, a sociopatia, entre outras, e cabe ressaltar que dentre estas atuações da angústia está o hoje tão difundidamente conclamado nas escolas: o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Conforme o DSM V são 9 critérios diagnósticos para TDAH. Destes 9 o indivíduo que apresentar pelo menos seis ou mais sintomas é acometido deste transtorno. Quanto aos sintomas de desatenção, são: (a) frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido em atividades escolares, de trabalho ou outras (p. ex. negligencia ou deixa passar detalhes, o trabalho é impreciso); (b) Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas e

atividades lúdicas (p. ex. dificuldade de manter o foco durante aulas, conversas ou leituras prolongadas); (c) com frequência parece não escutar quando lhe dirige a palavra diretamente (p. ex. parece estar com a cabeça longe, mesmo na ausência de qualquer distração óbvia); (d) com frequência não segue instruções e não termina seus deveres escolares, tarefas domésticas ou deveres profissionais (não devido a comportamento de oposição ou incapacidade de compreender instruções) (p. ex. começa tarefas, mas rapidamente perde o foco e facilmente perde o rumo); (e) com frequência tem dificuldade para organizar tarefas e atividades (p. ex. dificuldade em gerenciar tarefas sequenciais; dificuldade em manter materiais e objetos pessoais em ordem; trabalho desorganizado e desleixado, mau gerenciamento do tempo; dificuldade em cumprir prazo); (f) com frequência evita, antipatiza ou reluta a envolver-se em tarefas que exijam esforço mental constante (p. ex. como trabalhos escolares ou deveres de casa para adolescentes mais velhos e adultos, preparo de relatórios, preenchimento de formulários, revisão de trabalhos longos); (g) com frequência perde coisas necessárias para tarefas ou atividades (p. ex., brinquedos, tarefas escolares, lápis, livros ou outros materiais); (h) com frequência é facilmente distraído por estímulos externos (para adolescentes mais velhos e adultos, pode concluir pensamentos não relacionados); (i) com frequência é esquecido em relação a atividades cotidianas (p. ex. realizar tarefas, obrigações; para adolescentes mais velhos e adultos, retornar ligações, pagar contas, manter horários agendados). No que se refere aos sintomas de hiperatividade e impulsividade: (a) frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira; (b) frequentemente levanta da cadeira em situações que se espera que permaneça sentado (p. ex. sai do seu lugar em sala de aula, no escritório ou outro local de trabalho ou em outras situações que exijam que permaneça em um mesmo lugar); (c) frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado (nota: em adolescentes ou adultos pode se limitar sensações de inquietude); (d) com frequência tem dificuldade para brincar ou se envolver silenciosamente em atividades de lazer; (e) está frequentemente "a mil" ou muitas vezes age como se estivesse "a todo vapor" (p. ex. não consegue ou se sente desconfortável em ficar parado por muito tempo, como em restaurantes, reuniões; outros podem ver o indivíduo como inquieto ou difícil de acompanhar); (f) frequentemente fala demais; (g) frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída (p. ex. termina as frases dos outros, não consegue aguardar a vez de

falar); (h) frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez (p. ex., aguardar em uma fila); (i) frequentemente interrompe ou se intromete (p. ex., mete-se nas conversas, jogos ou atividades; pode começar a usar as coisas de outras pessoas sem pedir ou receber permissão; para adolescentes e adultos; pode intrometer-se em ou assumir o controle sobre o que os outros estão fazendo).

Estes sintomas, mesmo que isolados e incapazes de sinalizar o montante dos critérios necessários para se estabelecer o diagnóstico, funcionam como um radar judicativo que, de forma apressada (hiperativa/impulsiva?), imputam um destino ao comportamento infantil, destino este realizado por meio de diagnósticos imprecisos, dados muitas vezes por pessoas que não detêm a autoridade para tanto (médicos clínico gerais, professores, pais). Será que de fato o índice de TDAH é tão elevado assim? Será que a sociedade está sendo apta a diagnosticar com maior precisão? Ou estes diagnósticos retratam outra realidade, e os sintomas podem ser explicados de forma diversa? Cury (2014) parte desta última premissa e aponta a existência de uma nova síndrome que está sendo severamente confundida como o TDAH, a por ele nomeada de Síndrome do Pensamento Acelerado (SPA). Segundo ele, a SPA atinge mais de 80% dos indivíduos de todas as idades, inclusive as crianças que sofrem pressões por parte dos pais e são preenchidas de afazeres devido à competitividade exigida pela sociedade capitalista. Deste modo, tanto crianças quanto adultos vivem em uma ansiedade constante, exibindo sintomas psíquicos e psicossomáticos decorrentes dessa síndrome que comprometem o desempenho global do intelecto.

Sem perceber, a sociedade moderna – consumista, rápida e estressante – alterou algo que deveria ser inviolável, o ritmo de construção de pensamentos, gerando consequências seríssimas para a saúde emocional, o prazer de viver, o desenvolvimento da inteligência, a criatividade e a sustentabilidade das relações sociais. Adoecemos coletivamente. Este é um grito de alerta. (CURY, 2014, p. 1).

Este mesmo autor ainda pontua que em muitos diagnósticos os especialistas como neurologistas, psiquiatras, psicólogos e psicopedagogos se equivocam ao observar queixas como a constante desconcentração, a irritabilidade, a inquietude, o baixo limiar para a frustração e a resistência às normas, vigentes na SPA, com o TDAH, devido à semelhança dos sintomas; entretanto, elas diferem quanto às causas e a terapêutica adotada - a etiologia da hiperatividade pode eclodir da

genética, pois geralmente um dos pais é hiperativo, ao contrário das causas da SPA, que podem remeter ao excesso de estimulação que a criança é exposta por meio de seus brinquedos, atividades e informações; quanto ao tratamento da hiperatividade, também encontramos diferenças, uma vez que na SPA não há alteração metabólica e sim uma falha funcional e social relacionada à construção da personalidade e da que maneira a mente funciona, podendo ser corrigida através de mudanças no ambiente e na forma com que os pais se relacionam com a criança. Nesta mudança de rotina é fundamental, por exemplo, a “desaceleração” da criança por meio da realização de atividades mais lentas e lúdicas, como ouvir músicas tranquilas (música instrumental), tocar instrumentos, pintar, praticar esportes (não visando o desempenho e a competição, mas o lazer), ou fazer teatro. Caso estas técnicas de manejo da desaceleração não sejam implementadas, a criança não aprenderá a “gerenciar seus pensamentos e proteger sua emoção”, repetindo, assim, os mesmos erros, irritada, com baixo limiar a frustrações e com dificuldade em aceitar contrariedades, permanecendo sempre insatisfeita e evidenciando comprometimento do rendimento intelectual. (CURY, 2014, p. 28).

Ao se considerar a validade da categoria diagnóstica da SPA invariavelmente o diagnóstico estrito do TDAH é colocado em discussão, uma vez que os sintomas podem ser produto de uma vida superestimulada proporcionada pela sociedade altamente competitiva à criança. Se os pais ensinam prepará-la, desde muito cedo, para a competição de mercado, instituída por meio de uma rotina exacerbada e atividades lúdicas altamente estimulantes, certamente as crianças receberão a carga de ansiedade, a qual só conseguem manejar através da eliminação pela via motora; e se a ansiedade prejudica a concentração, a aprendizagem também é dificultada – já que, comparada a um videogame ou a uma brincadeira barulhenta, a sala de aula fica muito atrás dos interesses culturais proporcionados cotianamente. Mesmo a ansiedade não é bem compreendida; ela é uma característica importante para a potencialização intelectual do sujeito, mas somente é vista como um sintoma psicopatológico. De forma inicial, vale mencionar como os principais dicionários da língua portuguesa explicam o termo: aflição, angústia, perturbação do espírito provocada por incertezas, podendo estar relacionada com qualquer situação perigosa. (FERREIRA, 2004; MICHAELIS, 1999). Tal fenômeno por vezes pode beneficiar o indivíduo e em outros momentos ser

altamente prejudicial, uma vez que, dependendo da situação, pode tornar-se patológico, dificultando o bom funcionamento da mente e do corpo.

A ansiedade é um estado emocional com componentes psicológicos e fisiológicos que faz parte do desenvolvimento do ser humano, podendo tornar-se patológica quando acontece de forma exagerada e sem uma situação real ameaçadora que a desencadeie. No ser humano, as causas mais comuns da ansiedade não são de natureza biológica, mas sim psicológicas, surgindo em função de comunicações simbólicas, verbais ou não, interpretadas à luz de conceitos, crenças e valores formulados por uma comunidade sociocultural. (CAÍRES; SHINOHARA, 2010, p. 63).

A ansiedade é um mal estar contemporâneo que surge na medida em que a sociedade constantemente impõe ditames que, mesmo sendo inatingíveis, são perseguidos a ponto de se abrir mão do que é particular, próprio e único, a fim de não se correr o risco de ficar fora dos padrões preestabelecidos. E se esta escolha valerá ou não a pena, só o tempo dará a resposta; e seja ela qual for, será o próprio indivíduo quem sofrerá suas consequências, sejam elas boas ou ruins.

## CONCLUSÃO

Mediante os argumentos e discussões traçados no decorrer deste trabalho foi possível observar os caminhos que a sociedade contemporânea vem percorrendo: o espetáculo do simulacro. Ao se comportar de modo cada vez mais insaciável, em busca de satisfações fantasiosas e inatingíveis, a sociedade transforma-se em uma cultura de produção e consumo de imagens.

Visto que a performance social fundamentada no simulacro já estava presente na hipocrisia puritana da sociedade vitoriana e continua incidindo, de forma ainda mais taxativa, na cultura contemporânea, é relevante observar a característica das produções psicopatológicas fomentadas ao longo do tempo: é raro encontrar a histórica tratada por Freud nesta sociedade. Na cultura vigente, que aplaude o espetáculo do simulacro, não se pretende mais dissimular condutas para evitar o escândalo, mas sim fabricar uma existência inteiramente nova; entretanto, surge uma nova configuração subjetiva, que, de certo modo, pode ser considerada antagônica à própria concepção de sujeito: uma identidade forjada pelo coletivo, a intersubjetividade. Desta feita, o indivíduo vive em simulacro simplesmente porque quer ser reconhecido e aceito socioculturalmente, abrindo mão da sua própria identidade, o que dá ocasião a uma crise identitária porque a unicidade do sujeito já não é considerada relevante por já não ser motivo de obter aplausos.

Nas Redes Sociais de *Internet* tem destaque este papel performativo, assim como o simulacro é instigado pela imagem comprada de si mesmo, de forma compulsiva, ato que enaltece o avatar esvaziado construído intersubjetivamente. Este enaltecimento desvela outra configuração cultural contemporânea: a perversão narcísica, que além de buscar um enaltecimento frente ao olhar do outro, para melhor promovê-lo, também pode massacrá-lo.

Voltado para o prazer autorreferente e fabricado, o indivíduo se utiliza do consumo dos objetos e dos relacionamentos de forma imediata, como se não pudesse ou não desejasse adiar o prazer e tolerar as frustrações advindas deste adiamento; na medida em que adquire mercadorias para obter o selo de aprovação sociocultural, transforma-se, ele mesmo, numa mercadoria vendável.

Pela observação dos aspectos analisados ainda foi possível fazer uma indução de que de cultura para cultura as configurações psicológicas são forjadas

pelas configurações culturais e influenciam as formas típicas de adoecimento. Como no ocidente, mediado pela instantaneidade prazerosa instigada pelo id, busca-se obedecer ao princípio do prazer, surgem psicopatologias tais como a ansiedade, o TDAH e a SPA; na cultura oriental, em meio aos costumes e ideologias tradicionais que instituem uma conduta dádiva do indivíduo, o funcionamento superegóico torna-se mais evidente, de forma que surgem sintomatologias ligadas à castração, como o *hikikomori*. Cabe mais uma vez ressaltar, que estas preposições acerca das formas culturais de adoecimento são apenas inferências e hipóteses diante da leitura até aqui tecida. De modo que se hipotetiza que as psicopatologias vigentes na contemporaneidade podem ter uma forte influência da configuração sociocultural em que o indivíduo está inserido, no caso, o espetáculo do simulacro contemporâneo.

Nestas sintomatologias psicopatológicas contemporâneas, pode-se antever uma reação do indivíduo perante o próprio funcionamento de sua cultura. Em face desta realidade, cabe à psicologia acolher as novas demandas produzidas pela vivência em simulacro da cultura do espetáculo. Considerando a preocupação inicial de Freud sobre o futuro da civilização, o que se presencia na atualidade é que as formas de adoecimento têm mudado de configuração, sofrendo uma influência cultural que incide sob as personalidades, e que esta mudança pode comprometer a saúde mental e as formas de relacionamentos sociais significativos; cabe ao indivíduo refletir sobre a importância de descobrir uma identidade autêntica, e, para tanto, a psicologia, que pode vir em seu auxílio mediante esta realidade, tem de estar ciente destes processos de informação da subjetividade mediante a imposição sociocultural do simulacro, a fim de auxiliar o indivíduo a evitar a rota de fuga da realidade, na busca por imagens perfeitas que jamais serão plenamente alcançadas.

Com vistas ao aprimoramento científico, sugere-se que futuros trabalhos sejam realizados partindo para uma investigação teórico-prática, averiguando a variedade de técnicas e intervenções psicanalíticas utilizadas na atualidade para empoderar o indivíduo no enfrentamento ao simulacro cultural, no fortalecimento das formas subjetivas e identitárias e no acolhimento das novas configurações psicopatológicas contemporâneas. Fica como sugestão para uma próxima investigação, em complemento ao que não foi o foco deste estudo.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGUIAR, Sonia. Mercado e comunicação na sociedade digital. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO INTERCOM, n. XXX, 2007, Santos. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. Santos: Universidade Federal Fluminense, 29 de ago. a 02 de set., 2007. P. 1-15. Disponível em: <[http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20naaa%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20naaa%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa)>.pdf>. Acesso em: 28 janeiro 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARANTES, Ana Cláudia Yamashiro. O ritmo do tempo na vivência existencial. *In*: Sérgio Pripas. (Org.). **Cronos ensandecido: sobre a agitação no mundo contemporâneo**. 1 ed. São Carlos: EDUFSCAR, 2009, v.1, p. 55-66.

ARAÚJO, Júlio; COSTA, Sayonara Melo. (Inter) subjetividade nos estudos de redes sociais: dissolvendo fronteiras. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 30-50, 2014. Disponível em: <http://revistadogel.gel.org.br/rg/article/view/193/275>. Acesso em: 10 janeiro 2015.

BANDINELLI, Lucas Poitevin; NEUTZLING, Janaína Soares; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Biodiversidade na vida e diversidade do conhecimento. *In*: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA PUCRS, n. XI, 2010, Porto Alegre. **Adição midiática—compulsão à Internet**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 09 a 12 de ago., 2010. p. 1522-1526. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias\\_Humanas/Psicologia/83748LUCA\\_SPOITEVINBANDINELLI.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias_Humanas/Psicologia/83748LUCA_SPOITEVINBANDINELLI.pdf)>. Acesso em: 10 janeiro 2015.

BARTON, Bruce. Subjectivity, Culture, Communications, Intermedia: A Meditation on the "impure interactions" of Performance and the "in-between" Space of Intimacy in a Wired World. **Theatre Research in Canada/Recherches théâtrales au Canada**. Canadá, v. 29, n. 1, p. 51-92 2008. Disponível em: <<http://journals.hil.unb.ca/index.php/TRIC/article/viewArticle/11136>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'água, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Identidade: entrevista e benedetto vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. **Vida para o consumo:** a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **A arte da vida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENAKOUCHE, Tamara. Redes técnicas/redes sociais: pré-história da Internet no Brasil. **Revista USP.** São Paulo, n. 35, p. 124 – 133, 1997. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26923/28702>>. Acesso em: 28 janeiro 2015.

BERGERET, J. A. **Personalidade normal e patológica.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade:** a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 7 ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2009.

BIRMAN, Joel. Os paradigmas em psicanálise. *In:* BIRMAN, et al (Org.). **A fabricação do humano:** psicanálise, subjetivação e cultura. 1 ed. São Paulo: Zagodoni, 2014. v. 1, cap. 1, p.17-42.

BLINKA, Lucas; SMAHEL, David. Dependência virtual de role playing-games. *In:* YOUNG et al (Org.). **Dependência de internet:** Manual e guia de avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artemed, 2011. v. 1, cap. 5, p. 98-118.

BUCIANO, Ângela M.; MOREIRA, Jacqueline O. Culpa e narcisismo na tragédia moderna. **Analytica: Revista de Psicanálise.** São João Del Rei, v. 1, n. 1, p. 73-89, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v1n1/v1n1a05.pdf>>. Acesso em: 20 setembro 2015.

CAÍRES, Monique Cabral; SHINOHARA, Helene. Transtornos de ansiedade na criança: um olhar nas comunidades. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas.** Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 62-84, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtc/v6n1/v6n1a05.pdf>>. Acesso em: 17 abril 2015.

CAMPOS, Cristiana Caldas Guimarães de; SOUZA, Solange Jobim. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicologia: ciência e profissão.** Brasília, v. 23, n. 1, p. 12-21, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n1/v23n1a03.pdf>>. Acesso em: 20 fevereiro 2015.

CARRERA, Fernanda. Instagram no Facebook: uma reflexão sobre ethos, consumo e construção de subjetividade em sites de redes sociais. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática.** Santa Maria, v. 11, n. 22, p. 148 – 165, 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/6850/pdf>>. Acesso em: 20 fevereiro 2015.

CORRÊA, Raquel Wilma. A perspectiva ética da “Carta sobre o humanismo” de Martin Heidegger. **Metanoia.** São João del-Rei, n. 3, p. 51-59, 2001. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalable/numero3/raquel.pdf>>. Acesso em: 01 novembro 2015.

CUNHA, Eduardo Leal. A dupla face do desmentido na atualidade: entre o aniquilamento do outro e a felicidade em simulacro. *In*: BIRMAN et al (Org.). **A fabricação do humano: psicanálise, subjetivação e cultura**. 1 ed. São Paulo: Zagodoni, 2014. v.1, cap. 2, p. 43-60.

CURY, Augusto. **Ansiedade, como enfrentar o mal do século**: a síndrome do pensamento acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças ao adulto. São Paulo: Saraiva, 2014.

LIMA BRANDÃO, Ana Paula Daudt de. Comunicação e Criatividade: a Reinvenção das Mídias. *In*: POSCOM Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social, n. X, 2013, Rio de Janeiro. **Facebook como palco**: Goffman e a apresentação do self em redes sociais. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 04, 05 e 06 nov., 2013. P.1-12. Disponível em: <<http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2013/11/Ana-Paula-Brand%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 20 fevereiro 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DEL-BEN, Cristina Marta. Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social. **Revista de Psiquiatria Clínica**. São Paulo, v. 32, n.1, p. 27-36, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v32n1/24019.pdf>>. Acesso em: 02 março 2015.

NASCIMENTO, Jackson Fonte do. A escola de frankfurt e seus principais teóricos. **PIDCC**, Aracaju, v. 3, n. 5, p. 244-249, 2014. Disponível em: <<http://www.pidcc.com.br/artigos/052014/11052014.pdf>>. Acesso em 20 outubro 2015.

FERREIRA, Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. Obras psicológicas completas. Volume VII.

\_\_\_\_\_. **O Futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. Obras psicológicas completas. Volume XXI.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOBBI, Adriana Silveira. O narcisismo na clínica contemporânea. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Porto Alegre, n. 6, p. 24 – 35, 2008. Disponível em: <[www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php)>. Acesso em: 01 maio 2015.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GRIFFITHS, Mark. Dependência virtual de jogos de azar na internet. *In*: YOUNG et al (Org.). **Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artemed, 2011. v. 1, cap. 6, p. 119-165.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 1 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1992.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 1 – 23, 1997. Disponível em: < [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_02.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_02.pdf)>. Acesso em: 20 fevereiro 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JANIK, Allan S. A Viena de Wittgenstein; TOULMIN, Stepheon. Rio de Janeiro: Campos, 1999.

JASPERS, Karl. **Psicopatologia geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1985.

KATSUMATA, Miho. Hikikomori: A Qualitative Study on Social Withdrawal of Japanese Adolescents. **Scholar**. Thailand, v. 3, n. 2, 2011. Disponível em:< [http://its-3.au.edu/open\\_journal/index.php/Scholar/article/view/233](http://its-3.au.edu/open_journal/index.php/Scholar/article/view/233)>. Acesso em: Acesso em: 18 fevereiro 2015.

KEGLER, Paula. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica: novas configurações subjetivas na contemporaneidade**. 2006. 77 f. Trabalho de conclusão de curso. Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Santa Maria. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/68.pdf>>. Acesso em: 10 janeiro 2015.

KROEF, Ada. Identidade(s) e cultura(s): territórios da subjetividade capitalística. **ARTEFACTUM – Revista de estudos em linguagem e tecnologia**. Rio de Janeiro, v. III, n. 2, p. 5 – 29, 2012. Disponível em.< <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/89/200>>. Acesso em 20 fevereiro 2015.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAMELUQUE, Maria da Glória Calixto. A subjetividade do encarcerado, um desafio para a psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 4, p. 620-631, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n4/v26n4a09>>. Acesso em: 25 maio 2015.

MEDEIROS, Sérgio Aguiar de. **Estática, angústia e desejo: uma abordagem psicanalítica sobre as doenças da beleza**. Curitiba, Juruá, 2012.

MENDES, Elzilaine Domingues; VIANA, Terezinha de Camargo; BARA, Olivier. Melancolia e depressão: um estudo psicanalítico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**,

Brasília, v. 30 n. 4, p. 423-431, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n4/v30n4a07.pdf>>. Acesso em: 16 março 2015.

MEZAN, Renato. **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 5. ed., São Paulo: Companhia de melhoramentos, 2009.

MOLINA, José Artur. De onde viemos, para onde vamos? *In*: Congresso Internacional de Psicologia. n. V, 2012, Maringá. **As mulheres de viena: sintoma de uma época..** Maringá: CIPSI, 08 a 12 de ago., 2012. Disponível em: <<http://www.eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012/paper/viewFile/le/555/383>>. Acesso em: 19 julho 2015.

MORAES, Gláucia T. Bardi de; PILATTI, Luiz Alberto; SCANDELARI, Luciano. Os desafios da *produção* e distribuição no século 21; Integração técnica e organizacional das cadeias produtivas. *In*: ENCONTRO NAC DE ENG DE PRODUÇÃO, n. XXV, 2005, Porto Alegre. **Comportamento patológico provocado pelo uso indevido de internet: uma leitura no ambiente produtivo e social.** Porto Alegre: ABEPRO, 29 out. a 01 de nov., 2005, p. 2456-2462. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2005\\_Enegep0404\\_1351.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2005_Enegep0404_1351.pdf)>. Acesso em: 15 setembro 2015.

NUNES, Jefferson Veras. **Vivência em rede**. 2014. 307 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP. Marília Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/nunes\\_jv\\_do\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/nunes_jv_do_mar.pdf)>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Estados Gerais da Psicanálise. *In*: Encontro Mundial - conferência, n. II, 2003, Rio de Janeiro. **A sujeição como forma de subjetivação.** Rio de Janeiro: 2 de nov., 2003, p.1-8. Disponível em: <[http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/5e\\_Peixoto\\_24220803\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5e_Peixoto_24220803_port.pdf)>. Acesso em: 25 fevereiro 2015.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da (s) psicologia (s). **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 14 – 19, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a03v19n3>>. Acesso em: 10 fevereiro 2015.

REES, Philip. The mystery of the missing million. [Documentário exibido pela BBC], Japão: Vimeo, 2011. 1 vídeo: 45 min., som e cor. Disponível em: <<https://vimeo.com/28627261>>. Acesso em: 6 outubro 2015.

RODELLA, Cibele Abdo. internet: um novo paradigma de informação e comunicação. **Comunicação e educação**. Maringá, v. 10, n. 01, p. 41 – 48, 2005. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/viewFile/4917/4731>>. Acesso em: 20 setembro 2015.

ROSSO, Leila Urioste. **O perfil dos usuários da comunicação mediada por computador: uma abordagem psicológica**. 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. São Paulo. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivophp?codArquivo=36](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivophp?codArquivo=36)>. Acesso em: 20 outubro 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTAELLA, Lucia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. *In*: PRIMO, Alex (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 33-47, 2013.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Comunicação e as transformações na cultura do consumo. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 208-224, 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/11349/7739>>. Acesso em: 04 março 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-154, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>>. Acesso em: 10 outubro 2015.

SUWA, M.; SUZUKI, K. The phenomenon of “hikikomori” (social withdrawal) and the socio-cultural situation in Japan today. **Journal of Psychopathology**, Nagoya, v. 19, p. 191-198, 2013. Disponível em: <<http://www.jpsychopathol.net/issues/2013/vol19-3/01b-Suwa-abstract.html>>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.

TAVARES, Hermano. **Jogo patológico e suas relações com o espectro impulsivo-compulsivo**. 2000. 184 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <<http://www.jogoremoto.pt/docs/extra/lsLEig.pdf>>. Acesso em: 20 novembro 2014.

TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da informação**. Brasília, v. 34, n. 2, p.93-104, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28559.pdf>>. Acesso em: 28 outubro 2014.

VIANA, César et al. **Redes sociales y modelos de agencias ciudadanas de comunicación**. 2010. 288 f. Tesis (Doctoral). Departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad II de la Universitat Autònoma de Barcelona. Bellaterra. Disponível em: <[http://ddd.uab.cat/pub/tesis/2011/hdl\\_10803\\_31809/cv1de1.pdf](http://ddd.uab.cat/pub/tesis/2011/hdl_10803_31809/cv1de1.pdf)>. Acesso em: 16 março 2015.

YOUNG, Kimberly S. et al. Avaliação clínica de clientes dependentes de internet. Dependência virtual de jogos de azar na internet. *In*: YOUNG et al (Org.). **Dependência de internet: Manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artemed, 2011. v. 1, cap. 2, p. 36-54.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, Técnica e Clínica.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

ANEXOS